

VÍNCULO DE SANGUE

PATRICIA BRIGGS

Tradução de Manuel Alberto Vieira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



*Este livro é carinhosamente dedicado às pessoas de Tri-Cidades,
Washington, que nunca souberam o que foi viver entre elas.*

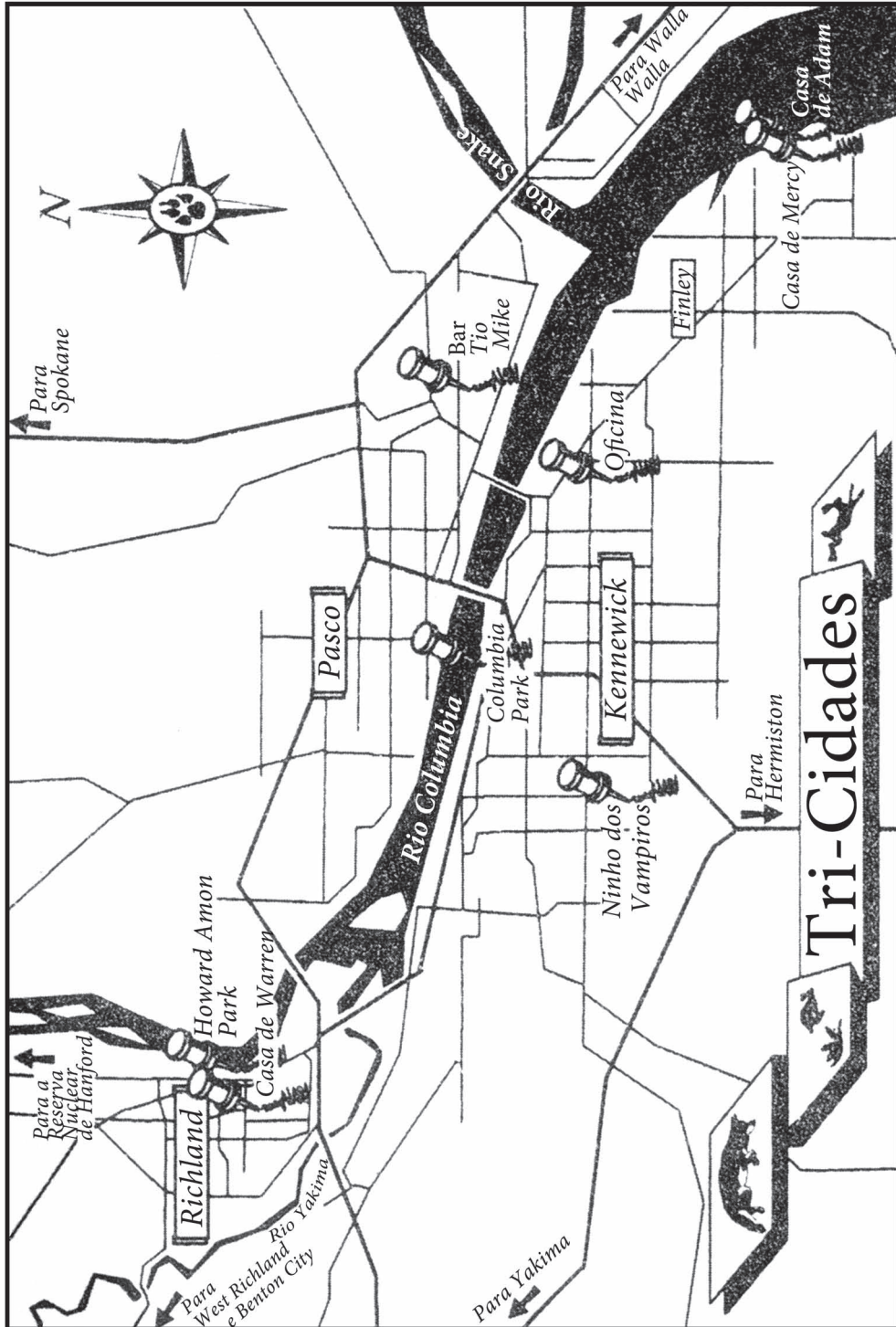


Agradecimentos

Com agradecimentos a Barry Bolstad, que me deixou pedir umas dicas sobre o trabalho da polícia em Tri-Cidades, e à sua mulher, Susan, que foi paciente connosco enquanto falávamos de assuntos profissionais ao almoço. Obrigada também à minha irmã, Jean Matteucci, que fez a revisão do meu Alemão. Este livro não seria o que é sem os contributos ao longo dos anos dos nossos VW, mecânicos de VW, bem como do pessoal da opelgt.com. Também um agradecimento sentido aos suspeitos do costume por terem feito mais do que aquilo que era necessário: Collin e Mike Briggs, Michael e Cee Enzweiler, Ann Peters, Kaye e Kyle Roberson, e John Wilson — bem como Anne Sowards, minha editora. Leram o trabalho quando estava toco para que não tivessem de ser vocês a fazê-lo. Um especial agradecimento à minha magnífica agente, Linn Prentis, que trata do que é preciso para eu poder escrever. Acima de tudo, gostaria de agradecer à minha família, que se está a habituar a «façam vocês o jantar» e «vão-se embora, devia ter terminado isto fez terça-feira três semanas». Sem esta malta, este livro jamais teria sido escrito.

Como sempre, todos os erros são da responsabilidade da autora.







Como acontece com a maior parte das pessoas que têm os seus próprios negócios, trabalho longas horas desde manhã cedo. Portanto, quando alguém me telefona a meio da noite, é bom que esteja a morrer.

— Olá, Mercy — disse-me Stefan no seu tom afável. — Gostava de te pedir um favor.

Stefan tinha batido as botas há muito tempo, portanto não vi qualquer razão para ser simpática.

— Atendi o telefone às — espreitei com a visão turva os números vermelhos no meu relógio de cabeceira — *três* da manhã.

OK, o que eu disse não foi exatamente isso. É possível que tenha acrescentado algumas daquelas palavras que uma mecânica aprende para depois dirigir a parafusos recalitrantes e alternadores que lhe caem nos dedos dos pés.

— Até podias pedir um segundo favor — continuei —, mas preferia que desligasses e me voltasses a telefonar a uma hora mais civilizada.

Riu-se. Talvez tivesse pensado que estava a tentar ter graça.

— Tenho um trabalho em mãos, e creio que os teus talentos especiais seriam um elemento muito valioso na garantia do sucesso da tarefa.

As velhas criaturas, pelo menos segundo a minha experiência, gostam de ser um pouco vagas quando pedem a alguém para fazer alguma coisa. Sou uma mulher de negócios, e acredito na ideia de ir aos elementos concretos o mais depressa possível.

— Precisas de uma mecânica às *três* da manhã?

— Sou um vampiro, Mercedes — replicou suavemente. — *Três* da manhã ainda é horário nobre. Mas não preciso de uma mecânica, preciso de ti. Deves-me um favor.

Tinha razão, para o diabo com ele. Tinha-me ajudado quando a filha do lobisomem Alfa local fora raptada, e avisara-me que iria cobrar o favor.

Bocejei e sentei-me, abdicando de qualquer esperança de voltar a dormir.

— Muito bem. O que é que eu posso fazer por ti?

— Tenho de transmitir uma mensagem a um vampiro que está aqui sem a autorização da minha senhora — disse, indo direto ao assunto. — Preciso de uma testemunha da qual ele não se aperceba.

Desligou sem obter uma resposta, e sem sequer me dizer quando me ia buscar. Era bem feito para ele que eu simplesmente voltasse a dormir.

Resmoneando comigo mesma, vesti-me à pressa: umas calças de ganga, a t-shirt do dia anterior adornada com uma mancha de mostarda e duas peúgas com apenas um buraco. Depois de estar mais ou menos vestida, segui para a cozinha a arrastar os pés e enchi um copo com sumo de arando.

Era noite de Lua cheia, e o meu colega de casa, o lobisomem, estava na rua com o bando local, portanto não tinha de lhe explicar por que razão ia sair com Stefan. O que era bom.

Samuel não era um mau companheiro de casa, mas tinha tendência para se tornar possessivo e ditatorial. Não que o deixasse levar a dele avante, mas discutir com lobisomens requer uma certa subtileza que me faltava. Espreitei o relógio de pulso: 03:15.

Apesar de ter sido criada por eles, não pertença à espécie dos lobisomens, não sou lobi-nada. Não sou uma serva das fases da Lua, e na forma de coiole, que é a minha segunda forma, pareço-me com qualquer outro *canis latrans*: tenho as cicatrizes de chumbo grosso no rabo a prová-lo.

Os lobisomens não podem ser confundidos com os lobos: os lobisomens são muito maiores do que os seus homólogos não preternaturais — e muito mais assustadores.

O que eu sou é uma caminhante, embora esteja certa de que em tempos tenha existido outro nome para me designar — um nome índio perdido quando os europeus devoraram o Novo Mundo. Talvez o meu pai me pudesse ter dito qual era se não tivesse morrido num acidente de carro antes de saber que a minha mãe estava grávida. Portanto tudo o que sei resume-se ao que os lobisomens me souberam dizer, que não foi muito.

O termo «caminhante» provém dos mutantes caminhantes das tribos índias do sudoeste, mas tenho menos em comum com um mutante caminhante, pelo menos daquilo que li, do que com os lobisomens. Não faço magia, não preciso de uma pele de coiole para mudar de forma — e não sou malévola.

Beberiquei o meu sumo e olhei lá para fora, através da janela da cozinha. Não conseguia ver a Lua propriamente dita, apenas a luz prateada que

tocava a paisagem noturna. Pensamentos malévolos pareciam de algum modo apropriados enquanto esperava que o vampiro me fosse buscar. Se não por outra razão, impedir-me-ia de adormecer: o medo tem esse efeito em mim. Tenho medo do mal.

No nosso mundo moderno, até a palavra parece... antiquada. Quando sai por momentos de um Charles Manson ou de um Jeffrey Dahmer, tentamos justificá-lo através do consumo de drogas, de uma infância infeliz ou de uma doença mental.

Os americanos em particular são invulgarmente inocentes na sua fé de que a ciência tem explicações para tudo. Quando os lobisomens, vários meses antes, finalmente admitiram ao público o que eram, os cientistas puseram-se imediatamente à procura de um vírus ou de uma bactéria que pudesse causar a Transformação — sendo a magia algo que os seus laboratórios e computadores não tinham como explicar. Ao que fiquei a saber da última vez que ouvira falar no assunto, John Hopkins tinha toda uma equipa dedicada ao estudo dessa questão. Não tinha dúvidas de que descobririam alguma coisa, mas aposto que nunca conseguirão explicar como é que um homem de oitenta quilos se transforma num lobisomem de cento e dez quilos. A ciência não considera a magia, da mesma maneira que não considera o mal.

A crença devota de que o mundo é explicável é simultaneamente uma terrível vulnerabilidade e uma sólida proteção. O mal prefere que as pessoas não acreditem. Os vampiros, enquanto exemplo não aleatório, raramente saem para matar pessoas na rua. Quando vão à caça, encontram alguém cuja falta não será sentida e levam-no para casa, onde será tratado e mantido numa situação de conforto — como uma vaca numa fazenda de confinamento de gado. Segundo as regras da ciência, não é permitido queimar bruxas, matar por afogamento ou executar linchamentos públicos. Em troca, o cidadão comum respeitador da lei e sensato não tem de se preocupar com as coisas do sobrenatural. Há alturas que gostava de ser um cidadão comum.

Os cidadãos comuns não recebem a visita de vampiros.

E tão-pouco se preocupam com um bando de lobisomens — pelo menos não propriamente da mesma maneira que eu.

Ir a público foi um passo corajoso da parte dos lobisomens; um passo que facilmente se poderia virar contra eles. De olhos fixos na noite iluminada pela Lua, pensei, inquietada, sobre o que iria acontecer se as pessoas comessem novamente a ter medo. Os lobisomens não são maus, mas também não correspondem propriamente à imagem de heróis pacíficos e respeitadores da lei que estão a tentar passar.

Alguém bateu à minha porta.

Os vampiros *são* maus. Eu tinha consciência disso — mas Stefan era mais do que simplesmente um vampiro. Havia alturas em que estava absolutamente certa de que era meu amigo. Portanto, na verdade não estava com medo até ao momento em que abri a porta e vi o que me esperava no alpendre.

O cabelo escuro do vampiro estava puxado para trás, deixando-lhe a pele muito pálida exposta ao luar. Vestido de preto da cabeça aos pés, seria de esperar que se parecesse com um refugiado de um filme mau do Drácula, mas de certo modo todo o conjunto, desde a sobrecasaca de couro preto às luvas de seda, parecia mais autêntico em Stefan do que a sua habitual combinação de t-shirt de cor viva e calças de ganga sujas. Como se tivesse tirado um traje de fantasia, e não tanto o contrário.

Tinha ar de quem seria capaz de matar com a mesma facilidade com que eu seria capaz de mudar um pneu, com o mesmo grau de ponderação ou remorso.

Depois as sobrancelhas treparam-lhe a testa — e subitamente era o mesmo vampiro que tinha pintado a sua carrinha VW de modo a ficar idêntica à Máquina Mistério do Scooby Doo.

— Não pareces contente por me ver — disse, com um rápido sorriso rasgado que não lhe pôs os colmilhos a descoberto. Na escuridão, os seus olhos pareciam mais pretos do que castanhos; mas a verdade é que o mesmo acontecia com os meus.

— Entra. — Afastei-me da porta para que pudesse fazê-lo; em seguida, porque me tinha assustado, acrescentei em tom mal-humorado: — Se queres ser bem recebido, tenta aparecer por cá a uma hora decente.

Hesitou na soleira, sorrindo-me, e disse:

— A convite teu. — E a seguir entrou em minha casa.

— Aquela coisa na soleira funciona mesmo? — perguntei.

O seu sorriso voltou a ampliar-se, e daquela vez vi um brilho branco.

— Não depois de me teres convidado a entrar.

Passou por mim e encaminhou-se para a sala de estar, virando-se como um manequim numa passarela. As dobras da sua sobrecasaca abriram-se com o seu volteio num efeito que se assemelhava ao girar de uma capa.

— Então, o que é que achas do meu aspeto *à la Nosferatu*?

Suspirei e admiti.

— Assustou-me. Pensava que evitavas tudo o que fosse gótico. — Raramente o tinha visto com outra roupa que não calças de ganga e t-shirts.

O sorriso dele ampliou-se ainda mais.

— Normalmente evito. Mas o *look* à Drácula ocupa o seu lugar. Por estranho que pareça, se usado com moderação assusta outros vampiros quase

tanto quanto assusta a singular menina-coiote. Não te preocupes, também tenho um traje para ti.

Enfiou a mão dentro do casaco e sacou de um arnês de couro ornamentado com prata.

Fitei-o por momentos.

— Vamos a um clube de striptease sadomasoquista, é? Não sabia que havia disso por estas bandas. — Não havia, pelo menos não que fosse do meu conhecimento. Washington oriental é mais puritana do que Seattle ou Portland.

Gargalhou.

— Hoje não, querida. Isto é para o teu outro eu. — Sacudiu as tiras para que eu percebesse que se tratava de um arnês para cão.

Tirei-o das mãos dele. O couro era de boa qualidade, macio e flexível, com tanta prata que parecia peça de joalheria. Se fosse estritamente humana, sem dúvida que me recusaria a usar semelhante coisa. Mas quando se passa uma parte considerável do tempo a correr de um lado para o outro como coiote, coleiras e quejandos são bastante úteis.

O Marrok, líder dos lobisomens norte-americanos, faz questão que todos os lobos usem uma coleira quando correm pelas cidades, com uma etiqueta que os identifique como animais de estimação de alguém. Também faz questão que os nomes nas etiquetas correspondam a algo inócuo como Fred ou Mancha, nada de Assassinos ou Presas. Dessa forma é mais seguro — tanto para os lobisomens como para os agentes da autoridade que com eles se possam cruzar. Escusado será dizer que, quando essa prática se concretizou, se tornou tão popular entre os lobisomens como a lei do uso obrigatório de capacete entre os motociclistas. Não que algum deles sequer sonhasse em desobedecer ao Marrok.

Não sendo mulher-lobo, não tenho de obedecer às regras do Marrok. Por outro lado, também não gosto de correr riscos desnecessários. Tinha uma coleira na gaveta de tralhas da cozinha — mas não era feita de couro preto de qualidade.

— Então eu faço parte da tua máscara? — perguntei.

— Digamos apenas que acho que este vampiro é capaz de precisar de mais intimidação do que a maior parte — respondeu de forma ligeira, embora algo nos seus olhos me tivesse feito pensar que se passava mais alguma coisa.

A Medea apareceu, vinda de onde quer que tivesse estado a dormir. Provavelmente na cama de Samuel. Ronronando furiosamente, roçou o seu pequeno ser em volta da perna esquerda de Stefan e depois esfregou a cabeça na sua bota para o demarcar como propriedade dela.

— Os gatos e os fantasmas não gostam de vampiros — disse Stefan, olhando para baixo na direção dela.

— A Medea gosta de tudo o que lhe possa dar de comer ou acariciar — expliquei-lhe. — Não é esquisita.

Agachou-se e pegou nela. Ser pegada ao colo não é propriamente a coisa que a Medea mais aprecia, por isso miou-lhe várias vezes até voltar a ronronar enquanto afundava as garras na sua dispendiosa manga de couro.

— Não estás a cobrar-me o favor só para pareceres mais intimidatório — disse, levantando a vista do arnês de couro macio para o olhar diretamente nos olhos. Uma coisa pouco sensata a fazer com os vampiros, ele próprio mo tinha dito, mas tudo o que vi foi uma escuridão opaca. — Disseste que querias uma testemunha. Uma testemunha de quê?

— Não, não preciso de ti para parecer intimidatório — concordou Stefan num tom suave, depois de ter estado fixada nele durante alguns segundos. — Mas *ele* vai pensar que a intimidação é a razão pela qual eu levo um coiole na minha trela. — Hesitou, e a seguir encolheu os ombros. — Este vampiro já esteve por cá antes, e eu acho que ele conseguiu enganar um dos nossos novatos. Por causa daquilo que és, és imune a muitos poderes vampíricos, especialmente se o vampiro em questão não sabe o que tu és. Ao pensar que és um coiole, provavelmente nem sequer vai desperdiçar a magia dele em ti. É pouco provável, mas é possível que consiga enganar-me tão bem como enganou o Daniel. Mas não me parece que seja capaz de te enganar a ti.

Só há pouco tempo tinha ficado a saber dessa pequena vantagem de ser resistente à magia vampírica. Não me era particularmente útil uma vez que um vampiro tem força suficiente para me partir o pescoço com o mesmo esforço que eu teria de investir para partir um pedaço de aipo.

— Ele não te vai fazer mal — disse Stefan depois de eu ter permanecido demasiado tempo calada. — Dou-te a minha palavra de honra.

Não sabia que idade tinha Stefan, mas usou aquela frase como um homem que falava muito a sério. Às vezes fazia com que fosse difícil lembrarmo-nos de que os vampiros são maus. Mas na verdade isso não tinha grande importância. Estava em dívida para com ele.

— Está bem — repliquei.

Olhando para baixo na direção do arnês, pensei que seria melhor eu própria arranjar a coleira. Podia mudar de forma com a coleira posta — quando estava na forma humana, o meu pescoço não era maior do que quando estava na forma de coiole. O arnês, adequado a um coiole de treze quilos, seria demasiado apertado quando quisesse readquirir a forma humana. A vantagem do arnês, todavia, era que não estaria presa a Stefan pelo pescoço.

A minha coleira era lilás com flores cor-de-rosa bordadas. Não era lá muito *Nosferatu*.

Entreguei o arnês a Stefan.

— Vais ter de mo pôr depois de eu me transformar — indiquei-lhe. — Volto já.

Mudei de forma no meu quarto porque, para o fazer, tinha de me despir. Na verdade não sou tão pudica quanto isso, um metamorfo ultrapassa isso com bastante rapidez, mas tento não me pôr nua em frente a alguém que possa confundir a minha nudez necessária com necessidades noutras áreas.

Embora Stefan tivesse pelo menos três carros de que eu tivesse conhecimento, aparentemente tinha optado por uma «via mais rápida», palavras suas, para chegar a minha casa, pelo que entrámos no meu *Rabbit* para seguirmos viagem rumo ao seu encontro.

Durante alguns minutos, não tinha a certeza de que iria conseguir pô-lo a funcionar. O velho carro a *diesel*, tal como eu, não gostava de se levantar tão cedo. Stefan murmurou entre dentes alguns palavrões em italiano, e por fim arrancou e partimos.

Nunca viajem num carro ao lado de um vampiro que está com pressa. Não sabia que o *Rabbit* pudesse andar daquela maneira. Virámos para a via rápida com as rpm no vermelho; o carro manteve-se sobre as quatro rodas, mas à rasca.

Na verdade, o *Rabbit* parecia gostar mais do condutor do que de mim; a irregularidade do motor da qual me vinha tentando livrar há anos desapareceu e transformou-se num ruído surdo. Fechei os olhos e desejei que as rodas não se soltassem.

Quando Stefan atravessou o rio na ponte de cabos que desembocava no meio de Pasco, estava a conduzir sessenta km/h acima do limite de velocidade. Sem abrandar muito, atravessou o coração da zona industrial rumo a um aglomerado de hotéis erigido na orla mais distante da cidade, perto da rampa de acesso à auto-estrada que seguia para Spokane e outros pontos a norte. Por um qualquer milagre — provavelmente ajudado pela hora — não fomos apanhados por excesso de velocidade.

O hotel para o qual Stefan nos levou não era nem o melhor nem o pior. Estava pensado para camionistas, embora só houvesse um camião no parque de estacionamento. Talvez as terças fossem pouco movimentadas. Stefan estacionou o *Rabbit* ao lado do único carro que se encontrava no parque, um *BMW* preto, apesar da grande quantidade de lugares vazios.

Pulei do carro através da janela aberta e fui atingida pelo cheiro a

vampiro e sangue. O meu olfato é muito bom, especialmente quando estou na forma de coiote, mas, como acontece com qualquer outra pessoa, nem sempre distingo aquilo que estou a cheirar. Na maior parte das vezes é como tentar ouvir todas as conversas num restaurante apinhado. Mas aquele odor era impossível deixar escapar.

Talvez fosse mau ao ponto de afugentar humanos normais, e fosse esse o motivo para o parque de estacionamento estar praticamente vazio.

Olhei para Stefan de modo a perceber se também ele tinha sentido o cheiro, mas a sua atenção estava concentrada no carro ao lado do qual tínhamos estacionado. Assim que atraiu a minha atenção para o dito carro, percebi que o cheiro vinha do *BMW*. Como era possível que o carro cheirasse mais a vampiro do que Stefan, o vampiro?

Captei um outro odor, mais subtil, que fez com que os dentes me assomassem por entre os lábios, apesar de não conseguir perceber a que correspondia o cheiro amargo e misterioso. No momento em que me chegou ao focinho, como que me embrulhou, sobrepondo-se a todos os outros cheiros ao ponto de não conseguir farejar mais nada.

Stefan contornou o carro apressadamente, pegou na trela e puxou-a com força para esganar a minha rosnadela. Cheguei-me para trás com uma sacudida e mostrei-lhe os dentes. Eu não era um raio de uma cadela. Podia ter-me pedido para eu não fazer barulho.

— Acalma-te — disse, mas não estava de olhos postos em mim. Estava a observar o hotel. Foi então que senti um novo cheiro, um odor ténue logo sufocado pelo outro. Mas mesmo aquela breve baforada foi suficiente para identificar o familiar cheiro do medo, do medo de Stefan. O que poderia assustar um vampiro?

— Anda — pronunciou, voltando-se para o hotel e puxando-me para fora da minha confusão.

Depois de ter deixado de oferecer resistência ao seu puxão, falou comigo de modo rápido e baixo.

— Não quero que faças nada, Mercy, independentemente do que vires ou ouvires. Não estás à altura de uma luta com este. Só preciso de uma testemunha imparcial que não faça nada que ponha a sua vida em risco. Portanto, age como um coiote com toda a tua força e se eu não escapar daqui vivo, vai contar à Senhora aquilo que eu pedi que fizesses por mim e relata-lhe o que viste.

Como é que ele podia esperar que eu escapasse a algo que podia matá-lo? Não tinha falado assim anteriormente, nem estava com medo. Talvez conseguisse cheirar o mesmo que eu — e soubesse do que se tratava. No entanto, não lhe podia perguntar o que era, porque um coiote não está equipado com a fala humana.

Indicou o caminho para uma porta de vidro fumado. Estava trancada, mas nela havia uma caixa para cartões-chave com uma luzinha de LED vermelha a piscar. Bateu com o dedo ao de leve na caixa e a luz ficou verde, como se tivesse passado um cartão magnético através dela.

A porta abriu sem qualquer protesto e fechou-se atrás de nós com um estalido final. Não havia nada de sinistro no vestibulo, mas ainda assim inquietava-me. Provavelmente seriam os nervos de Stefan a contagiar-me. *O que poderia assustar um vampiro?*

Algures alguém bateu uma porta e eu dei um salto.

Ou Stefan sabia onde estava o vampiro, ou o seu olfato não estava a ser estorvado pelo odor daquela alteridade, como acontecia comigo. Bruscamente, levou-me através de um longo corredor e parou mais ou menos a meio. Bateu à porta com os nós dos dedos, embora eu, e presumivelmente também Stefan, tivesse conseguido perceber através da audição que quem quer que estivesse à nossa espera no interior do quarto tinha avançado em direção à porta no preciso momento em que paráramos diante dela.

Depois de toda a tensão crescente, o vampiro que abriu a porta serviu quase de anticlímax — como se se estivesse à espera de ouvir Pavarotti a cantar Wagner e aparecessem o Bugs Bunny e o Elmer Fudd.

O novo vampiro estava impecavelmente barbeado e tinha o cabelo penteado e preso atrás num pequeno e bem arranjado rabo-de-cavalo. As roupas eram elegantes e limpas, embora um pouco engelhadas como se tivessem estado numa mala — todavia, de um modo que não sei explicar, a impressão que tive foi de desalinho e imundície. Era significativamente mais baixo do que Stefan e muito menos intimidatório. Primeiro ponto a favor de Stefan, o que era bom considerando o esforço empreendido no seu traje de Príncipe das Trevas.

A camisa do homem desconhecido, de malha com mangas compridas, ficava-lhe pendurada, como se pousada em ossos em vez de carne. Quando se mexeu, uma das mangas deslizou para cima, revelando um braço tão descarnado que se lhe conseguia ver a cavidade entre os ossos do antebraço. Andava ligeiramente corcovado, como se não tivesse a energia suficiente para se endireitar.

Já tinha conhecido outros vampiros além de Stefan: vampiros assustadores com olhos e colmilhos reluzentes. Aquele parecia um toxicod dependente tão doente que nele já nada restava da pessoa que em tempos fora, como se a qualquer momento pudesse definhar, deixando apenas o corpo para trás.

Stefan, contudo, não se sentia tranquilizado pela aparente fragilidade do outro — dir-se-ia até que a sua tensão tinha aumentado. A impossibilidade de detetar cheiros no meio daquela amargura desagradável e pe-

netrante estava a incomodar-me mais a mim do que ao vampiro que não parecia ser grande oponente.

— A notícia da sua chegada chegou aos ouvidos da minha senhora — disse Stefan, num tom firme e de forma um pouco mais articulada do que era habitual nele. — Ela está muito desapontada por não a ter informado que viria ao seu território.

— Entre, entre — disse o outro vampiro, afastando-se da porta para que Stefan passasse. — Não há necessidade de ficarmos no corredor a acordar pessoas que estão a tentar dormir.

Não sabia ao certo se ele tinha percebido que Stefan estava com medo. Nunca soube muito bem até que ponto os vampiros têm um olfato apurado — embora seja claramente superior ao dos humanos. Não parecia intimidado por Stefan e pelas suas roupas pretas, todavia; aliás, parecia quase distraído, como se tivéssemos interrompido alguma coisa importante.

A porta da casa de banho estava fechada quando passámos por ela. Levantei as orelhas, mas não consegui ouvir nada atrás da porta fechada. O meu faro era inútil. Stefan levou-me até ao lado oposto do quarto, para perto das portas de vidro deslizantes que estavam quase completamente tapadas por pesadas cortinas que iam do chão ao teto.

Stefan esperou que o outro vampiro fechasse a porta e depois disse num tom frio:

— Ninguém está a tentar dormir neste hotel.

Parecia um comentário estranho, mas o homem desconhecido deu indicações de perceber o que Stefan queria dizer porque deu uma risadinha, levando à boca uma mão em concha num jeito que parecia mais conforme a uma rapariga de doze anos do que a um homem de qualquer idade. Foi um pouco estranho eu ter demorado algum tempo a avaliar a observação de Stefan.

Certamente não queria dizer o que a sua entoação indicava. Nenhum vampiro são teria matado toda a gente no hotel. Os vampiros eram tão inabaláveis quanto os lobisomens no cumprimento da sua regra de não atrair para si qualquer atenção indesejada — e a chacina geral de humanos atrairia a atenção. Mesmo que não houvesse muitos hóspedes, haveria os empregados do hotel.

O vampiro deixou cair a mão da face, deixando para trás um rosto sem centelha de divertimento. Não fez com que me sentisse minimamente melhor. Era como observar Dr. Jekyll e Mr. Hyde, tal era a mudança.

— Ninguém para acordar? — perguntou, como se não tivesse reagido de mais nenhuma forma ao comentário de Stefan. — Talvez tenha razão. Ainda assim não é de bom-tom deixar alguém plantado à porta, pois não?

Qual dos subordinados é você? — Levantou uma mão. — Não, espere, não me diga. Deixe-me adivinhar.

Enquanto Stefan esperava, com a sua habitual animação completamente sumida, o desconhecido contornou-o, parando precisamente atrás de nós. Sem nada a constranger-me para além da trela, virei-me para o observar.

Quando estava diretamente atrás de Stefan, o outro vampiro curvou-se e coçou-me atrás das orelhas.

Normalmente não me importo que me toquem, mas assim que os dedos dele roçaram o meu pelo, percebi que não queria que me tocasse. Involuntariamente, afastei-me dele e encostei-me à perna de Stefan. O meu pelo impediu que a pele dele tocasse a minha, mas isso não impediu que o seu toque me parecesse imundo, impuro.

O seu cheiro permaneceu no meu pelo e apercebi-me de que o odor desagradável que me vinha obstruindo o olfato era proveniente dele.

— Cuidado — advertiu Stefan sem olhar para trás. — Ela morde.

— Os animais *adoram*-me. — O comentário dele provocou-me um arrepio. Era tão desadequado vindo daquele... monstro rasteiro. Agachou-se e voltou a esfregar-me as orelhas. Não sabia se Stefan queria que o mordesse ou não. Optei por não o fazer porque não queria o sabor dele na minha língua. Podia sempre mordê-lo mais tarde se quisesse.

Stefan não fez qualquer comentário, nem olhou para outro sítio que não diretamente em frente. Perguntei-me se teria perdido pontos em termos do seu estatuto acaso se virasse. Os lobisomens também fazem jogos de poder, mas conheço-lhes as regras. Um lobisomem jamais teria permitido que um lobo desconhecido caminhasse atrás dele.

Parou de me fazer festas, levantou-se e rodeou Stefan até ficar novamente frente a frente com ele.

— Então você é o Stefan, o soldadinho da Marsília. Eu *já* ouvi falar de si, embora a sua reputação já não seja a mesma de outros tempos, verdade? Fugir de Itália daquela maneira mancharia a honra de qualquer homem. Ainda assim, de certo modo esperava mais. Todas aquelas histórias... Estava à espera de encontrar um monstro entre monstros, uma criatura de pesadelos que assustasse inclusive outros vampiros... e tudo o que vejo é uma criatura acabada e mirrada. Suponho que é isso que acontece quando uma pessoa se esconde numa cidadezinha no fim do mundo durante alguns séculos.

Fez-se uma ligeira pausa depois das últimas palavras do outro vampiro. Stefan riu-se e disse:

— Ao passo que *você* nem reputação tem. — A sua voz era mais leve do que o habitual, soando quase apressada, como se o que estava a dizer não

pertencesse a nenhum momento. Afastei-me dele um passo sem intenção de o fazer, de algum modo assustada por aquela voz leve e divertida. Sorriu tenuemente ao outro vampiro e o seu tom suavizou-se ainda mais quando disse: — É isso que acontece quando se é feito e logo abandonado.

Aquilo devia ser alguma espécie de super-insulto entre os vampiros, porque o segundo vampiro entrou em erupção, reagindo como se as palavras de Stefan tivessem sido uma ferroadada elétrica. No entanto não se lançou a Stefan.

Em vez disso, curvou-se e agarrou na base da enorme cama box e levantou-a, juntamente com tudo o que estava em cima dela, acima da cabeça. Girou-a na direção da porta de acesso ao corredor e depois rodou-a mais um pedaço de modo a que as extremidades da cama box, o colchão e a roupa da cama se mantivessem equilibrados por um momento.

Agarrou-a noutro sítio e lançou-a através da parede até ao quarto anexo, que estava vazio, onde aterrou no chão, levantando uma nuvem de pó de gesso acartonado. Duas das vigas da parede ficaram estilhaçadas, suspensas algures no interior da parede, dando ao buraco nela criado o aspeto de um sorriso de abóbora do Dia das Bruxas. A cabeceira falsa, permanentemente instalada na parede onde a cama tinha estado, parecia desamparada e estúpida, pendurada trinta centímetros ou mais acima do suporte da cama.

A rapidez e a força do vampiro não me surpreenderam. Tinha visto alguns lobisomens a ter acessos de fúria, os suficientes para saber que se o vampiro estivesse verdadeiramente zangado, não teria tido o controlo necessário para gerir os aspetos da Física implicados no lançamento dos dois colchões que não estavam ligados através da parede. Aparentemente, à semelhança do que acontece nas lutas entre lobisomens, as batalhas entre vampiros têm muito fogo-de-artifício impressionante antes do espetáculo principal.

No silêncio que se seguiu, ouvi algo, um ruído enrouquecido e choroso oriundo de detrás da porta fechada da casa de banho — como se o que quer que o tivesse emitido já tivesse gritado tanto que apenas conseguia produzir um barulho pequeno, porém um barulho que continha muito mais terror do que um grito dado a plenos pulmões.

Perguntei-me se Stefan saberia o que estava na casa de banho e se essa seria a razão pela qual tinha sentido medo quando estávamos no parque de estacionamento — havia coisas das quais até um vampiro devia ter medo. Respirei fundo, mas não conseguia sentir outro cheiro além do da escuridão amarga — e esse cheiro estava a intensificar-se. Espirrei, tentando desimpedir o nariz, mas não funcionou. Ambos os vampiros se mantiveram quietos até que o barulho terminasse. Depois, o desconhecido sacudiu o pó

das mãos levemente, com um sorriso ligeiro na cara, como se não tivesse existido fúria nele instantes antes.

— Sou remisso — disse, mas as palavras antiquadas soavam falsas vindas dele, como se estivesse a fingir ser um vampiro da mesma forma que os antigos vampiros tentavam ser humanos. — Obviamente não sabe quem eu sou.

Inclinou a cabeça a Stefan num gesto fútil. Era óbvio, até para mim, que aquele vampiro tinha nascido num tempo e num lugar onde inclinar a cabeça era um gesto feito nos filmes de *Kung Fu* e não na vida quotidiana. — Sou Asmodeus — anunciou imponentemente, parecendo uma criança que finge ser rei.

— Eu disse que você não tem qualquer reputação — replicou Stefan, ainda com aquela voz ligeira e descuidada. — Não disse que não sabia o seu nome, Cory Littleton. Asmodeus foi destruído há séculos.

— Kurfel, então — disse Cory, nada infantil no modo.

Eu conhecia aqueles nomes, Asmodeus e Kurfel, ambos, e assim que me lembrei de onde os tinha escutado, percebi o que tinha vindo a cheirar. No momento em que me ocorreu a ideia, conclui que o cheiro não podia ser outra coisa. Subitamente, o medo de Stefan deixou de ser surpreendente ou alarmante. Os demónios eram suficientes para assustar qualquer um.

«Demónio» é uma expressão abrangente, como «ser feérico», utilizada para descrever seres que são incapazes de se manifestar no nosso mundo de forma física. Em vez disso, possuem as suas vítimas e alimentam-se delas até não restar mais nada. Kurfel não seria o nome daquele, nem Asmodeus: o conhecimento do nome de um demónio dá ao conhecedor um poder sobre ele. Nunca antes tinha ouvido falar num vampiro possuído pelo demónio. Tentei meditar em torno do conceito.

— Também não és o Kurfel — disse Stefan. — Embora alguma coisa semelhante a ele o esteja a permitir usar alguns dos seus poderes sempre que você o diverte. — Olhou para a porta da casa de banho. — O que é que *tem* andado a fazer para o divertir, feiticeiro?

Feiticeiro.

Pensava que não passavam de fábulas — quer dizer, quem é que seria estúpido ao ponto de convidar um demónio para entrar nele? E por que é que um demónio, que podia possuir a alma corrupta que quisesse (e alguém oferecer-se a um demónio de certo modo pressupõe uma alma corrupta, não é verdade?), haveria de fazer um acordo com quem quer que fosse? Não acreditava em feiticeiros; certamente não acreditava em feiticeiros vampiros.

Seria de supor que alguém criado por lobisomens deveria ter uma mente mais aberta — mas tinha de estabelecer o limite nalgum sítio.

— Não gosto de si — disse Littleton friamente, e o pelo atrás do meu pescoço eriçou-se à medida que a magia se concentrava em volta dele. — Não gosto mesmo nada de si.

Esticou o braço e tocou Stefan no meio da testa. Esperei que Stefan lhe desse um safanão no braço, mas não fez nada para se defender, limitou-se a cair sobre os joelhos, aterrando com um baque pesado.

— Pensei que fosse mais interessante, mas não é — continuou Cory, mas tanto a sua dicção como o seu tom eram diferentes. — Nada divertido. Vou ter de tratar disso.

Deixou Stefan de joelhos e encaminhou-se para a porta da casa de banho.

Gemi a Stefan e estiquei-me sobre as patas traseiras para lhe conseguir lambar a face, mas nem sequer olhou para mim. Os seus olhos eram vagos e descentrados; não estava a respirar. Os vampiros não precisavam de respirar, claro, mas Stefan a maior parte das vezes precisava.

O feiticeiro tinha-o enfeitado de alguma forma.

Dei um puxão à trela, mas a mão de Stefan ainda estava fechada em volta dela. Os vampiros são fortes, e mesmo quando me lancei com todos os meus quinze quilos, a mão dele nem se mexeu. Se tivesse meia hora, poderia ter mastigado o couro, mas não queria ser apanhada quando o feiticeiro regressasse.

Arquejando, olhei através do quarto para a casa de banho com a porta aberta. Que novo monstro estava à espera no interior? Pensei que se saísse daquela situação viva, nunca mais ia deixar ninguém puxar-me por uma trela. Os lobisomens têm força, garras semi-retrácteis e presas com centímetros de comprimento — *Samuel* não teria ficado preso pelo estúpido do arnês e da trela de couro. Uma mordidela e estava resolvido. Tudo o que eu tinha era rapidez — algo que a trela limitava com eficácia.

Estava preparada para uma visão horrífica, uma visão de algo que pudesse destruir Stefan. Mas o que Cory Littleton arrastou daquele compartimento deixou-me estupefacta com um tipo de terror completamente diferente.

A mulher vestia um daqueles uniformes estilo anos cinquenta que os hotéis dão às suas empregadas; aquele verde-menta com um espesso avental azul. As cores que vestia jogavam com as dos cortinados e dos tapetes do corredor, mas a corda à volta dos seus pulsos, escurecida com sangue, não.

Excluindo os pulsos ensanguentados, parecia, de um modo geral, incólume, embora os sons que estava a produzir me tivessem feito duvidar disso. O seu peito palpitava em resultado do esforço para gritar, mas mesmo sem a porta da casa de banho entre nós, não estava a fazer muito barulho, antes emitia uma série de grunhidos.

Voltei a puxar a trela e, ao ver que Stefan continuava sem se mexer, mordi-o, com força, fazendo sangue. Nem reagiu.

Não aguentava ouvir o terror daquela mulher. Respirava com arquejos roucos e engasgados e debatia-se nos braços de Littleton, tão concentrada nele que não creio que nos tenha visto, a mim e a Stefan.

Puxei novamente a trela. Ao ver que isso não funcionava, rosnei e movi-me rapidamente, virando-me para conseguir mastigar o couro. A minha coleira estava equipada com um fecho de segurança que eu podia ter partido, mas o arnês de couro de Stefan estava apertado com fivelas metálicas antiquadas.

O feiticeiro deixou cair a sua vítima no chão, à minha beira, um pouco para lá do meu alcance — embora não esteja certa do que poderia ter feito por ela, mesmo que estivesse ao meu alcance. Ela não me viu; estava demasiado ocupada a tentar não ver Littleton. Mas os meus esforços tinham atraído a atenção do feiticeiro e ele pôs-se de cócoras para ficar mais próximo do meu nível.

— O que é que será que tu farias se eu te libertasse? — perguntou-me — Estás com medo? Fugas? Atacavas-me, ou o cheiro do sangue dela excita-te como excita um vampiro? — A seguir olhou para cima, na direção de Stefan. — Estou a ver as tuas presas, Soldado. O esplêndido perfume do sangue e do terror: chama por nós, não chama? Prende-nos com a mesma firmeza com que prendes o teu coiole. — Usou a pronúncia espanhola, três sílabas em vez de duas. — Exigem que bebamos apenas um gole de cada quando os nossos corações anseiam por muito mais. O sangue na verdade não sacia sem a morte, não é verdade? És suficientemente velho para te lembrares dos Tempos Antigos, não és, Stefan? Quando nós, vampiros, comíamos a nosso bel-prazer e nos divertíamos no terror e nos últimos estertores da nossa presa. Quando nos alimentávamos verdadeiramente.

Stefan produziu um ruído e arrisquei olhá-lo de relance. Os seus olhos tinham mudado. Não sei por que é que essa foi a primeira coisa que reparei nele, quando tantas outras coisas estavam diferentes. Os olhos de Stefan normalmente tinham o tom da madeira de nogueira encerada, mas naquele momento reluziam como rubis sangue. Os lábios estavam puxados para trás, revelando presas mais curtas e delicadas do que as de um lobisomem. A sua mão, que tinha apertado a minha trela, ostentava garras curvas nas extremidades dos dedos alongados. Depois de um vislumbre, tive de virar a cara, com quase tanto medo dele como do feiticeiro.

— Sim, Stefan — disse Littleton, rindo-se como um vilão num filme antigo a preto e branco. — Vejo que te lembras do sabor da morte. Benjamin Franklin em tempos disse que aqueles que abdicam da sua liberdade em favor da sua segurança não merecem nenhuma delas. — Aproximou-se.

— Sentes-te seguro, Stefan? Ou sentes falta daquilo que tiveste em tempos, daquilo que permitiste que roubassem de todos nós?

Em seguida, Littleton virou-se para a sua vítima. Esta não produziu praticamente nenhum ruído quando tocada por ele, os seus lamentos eram de tal modo enrouquecidos que teriam sido inaudíveis a um humano fora daquele quarto. Esforcei-me por me libertar do arnês, tentando que ele rasgasse nos meus ombros, mas não me serviu de nada. As minhas garras rasgaram o tapete, todavia Stefan era pesado de mais para que o fizesse mexer.

Littleton demorou imenso tempo a matá-la: ela desistiu de lutar antes de mim. No fim, o único barulho no quarto era o dos vampiros; o que estava à minha frente alimentava-se humidamente e o que estava ao meu lado emitia ruídos impotentes e ansiosos, embora sem se mover.

O corpo da mulher entrou em convulsões e os seus olhos cruzaram-se com os meus, apenas por instantes, antes de ficarem ausentes com a sua morte. Senti o ímpeto da magia no momento em que ela se imobilizou e a amargura fétida, o cheiro do demónio, abandonou o quarto, deixando atrás de si apenas um ténue rasto.

Recuperei o olfato, e quase desejei que isso não tivesse acontecido. Os odores da morte não são muito melhores do que o cheiro do demónio.

A arfar, a tremer e a tossir por ter ficado à beira de me estrangular, baqueei no chão. Agora não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-la, se é que alguma vez essa possibilidade tivesse existido.

Littleton continuava a alimentar-se. Lancei um olhar de soslaio a Stefan, que tinha parado de produzir aqueles ruídos perturbadores. Abandonara a sua postura petrificada. Mesmo sabendo que ele tinha observado aquela cena com desejo e não tanto com horror, Stefan era infinitamente preferível a Littleton, e recuei até a minha anca tocar a sua coxa.

Acostei-me a ele enquanto Littleton, cujo branco da camisa tinha desaparecido quase por completo debaixo do sangue da mulher que matara, levantava os olhos da sua vítima para examinar o rosto de Stefan. Dava risadinhas entre arquejos nervosos. Tinha tanto medo dele, da coisa que o dominava, que mal conseguia respirar.

— Oh, querias aquilo — trauteou, estendendo uma mão e esfregando-a nos lábios de Stefan. Instantes depois, Stefan lambeu os beiços.

— Deixa-me partilhar — disse o outro vampiro num tom suave. Inclinou-se na direção de Stefan e beijou-o apaixonadamente. Fechou os olhos, e apercebi-me de que estava finalmente ao meu alcance.

Às vezes a diferença entre a raiva e o medo é mínima. Pulei com a boca escancarada e cerrei-a em redor do pescoço de Littleton, sentindo, em primeiro lugar, o sabor do sangue humano da mulher na sua pele, e, depois, uma outra coisa, amarga e horrível, que viajou da minha boca através do

meu corpo como um relâmpago. Esforcei-me por fechar o maxilar, mas tinha-o deixado escapar e as minhas presas superiores atingiram-lhe o osso da coluna vertebral e ressaltaram.

Não era uma mulher-loba ou uma *bulldog*, portanto não tinha a capacidade de esmagar osso; limitei-me a afundar os dentes na carne enquanto o vampiro me agarrava pelos ombros e se libertava, arrancando a trela da mão de Stefan com o esforço empreendido.

Do seu pescoço começou a derramar sangue, desta vez o seu sangue, porém o golpe começou a fechar-se imediatamente, e o vampiro curou-se mais depressa do que um lobisomem. Desesperada, apercebi-me de que não lhe tinha causado ferimentos sérios. Lançou-me ao chão e afastou-se às arrecuas, tapando com as mãos o golpe que lhe fizera. Senti a magia dele a flamejar e, quando as mãos lhe caíram da garganta, o golpe tinha desaparecido.

Rosnou-me, com os colmilhos à vista, e eu rosnei-lhe em resposta. Não me lembro de o ver mexer-se, apenas da sensação momentânea das suas mãos nos meus flancos, um breve momento em que fui arremessada pelo ar e depois nada.

Acordei no meu sofá com cadenciadas carícias de língua na cara e o rumor distinto da Medea. A voz de Stefan serviu-me de alívio porque significava que estava vivo, tal como eu. Todavia, quando Samuel respondeu, pese embora o seu tom de voz surdo se parecesse bastante com o barulho que a minha gata estava a fazer, não havia como sentir qualquer alívio com a ameaça glacial existente por baixo da sua voz suave.

Perante o som, fui invadida por um assomo de adrenalina. Afugentei a memória dos terrores noturnos. O importante agora era que aquela noite seria de Lua cheia e havia um lobisomem enraivecido a menos de meio metro de mim.

Tentei abrir os olhos e levantar-me, mas deparei com vários problemas. Em primeiro lugar, um dos meus olhos parecia recusar-se a abrir. Em segundo lugar, uma vez que raramente durmo na forma de coiote, tinha-me tentado sentar como um humano. O meu modo desajeitado piorou porque o meu corpo, hirto e dorido, não estava a reagir muito bem a qualquer espécie de movimento. Finalmente, assim que mexi a cabeça, fui recompensada com uma dor aguda e um sentimento de náusea a acompanhar. A Medea repreendeu-me com palavrões felinos e, toda zangada, pulou para fora do sofá.

— Chiu, Mercy. — O tom ameaçador desapareceu por completo da voz de Samuel enquanto trauteava e se ajoelhava ao lado do sofá. As suas mãos dóceis e competentes deslizaram sobre o meu corpo dorido.

Abri o meu olho funcional e fixei-me nele prudentemente, não confiando que o tom da sua voz indicasse o seu estado de espírito. Os olhos dele não eram visíveis, mas a sua boca larga mostrava-se meiga debaixo

do nariz longo e aristocrático. Reparei vagamente que precisava de um corte; o cabelo castanho-acinzentado tapava-lhe as sobrancelhas. Havia tensão nos seus largos ombros, e agora que estava completamente desperta, conseguia cheirar a agressividade que se vinha acumulando no compartimento. Virou a cabeça para acompanhar o movimento das mãos enquanto estas se moviam delicadamente sobre as minhas patas traseiras e consegui ver-lhe os olhos.

Azul-claros, não brancos, como estariam se o lobo estivesse na iminência de emergir.

Relaxe o suficiente para me sentir francamente grata por, apesar de maltratada e deprimida, estar deitada no meu próprio sofá e não morta — ou pior, ainda na companhia de Cory Littleton, vampiro e feiticeiro.

As mãos de Samuel tocaram-me na cabeça e eu gani.

Para além de lobisomem, o meu companheiro de casa era médico, um médico muito bom. Como é evidente, suponho que devesse ser. Há muito tempo que era médico e tinha pelo menos três licenciaturas em medicina em dois séculos diferentes. Os lobisomens podem ser criaturas com uma grande longevidade.

— Está tudo bem com ela? — perguntou Stefan. Havia qualquer coisa na sua voz que me causou incómodo.

A boca de Samuel comprimiu-se.

— Não sou veterinário, sou médico. Posso dizer-lhe que não tem nenhum osso partido, mas até que ela possa falar comigo, é tudo quanto sei.

Tentei transformar-me de modo a ajudar, mas o único resultado foi uma dor ardente através do peito e em volta das costelas. Soltei um pequeno ruído de pânico.

— O que foi? — disse Samuel, passando o dedo suavemente ao longo do contorno da minha maxila.

Também doeu. Estremeci e ele afastou as mãos.

— Espere — anunciou Stefan da extremidade do sofá.

A voz dele não soou como devia. Depois do que o vampiro possuído pelo demónio lhe tinha feito, tinha de me certificar de que Stefan estava bem. Contorci-me, gemendo de desconforto, até conseguir observar atentamente o vampiro com o meu olho funcional.

Estivera sentado no chão ao fundo do sofá, mas, quando olhei para ele, ergueu-se até ficar de joelhos — tal como tinha estado quando o feiticeiro o tinha dominado. Do canto do olho vi Samuel lançar um golpe súbito na direção de Stefan. Porém, este esquivou-se da mão de Samuel. Mexeu-se de forma estranha. A princípio, pensei que estivesse magoado, que Samuel já lhe teria batido, depois apercebi-me de que se movia como Marsília, a

Senhora do ninho local — como um fantoche, ou um vampiro muito velho que se tivesse esquecido de como é ser-se humano.

— Calma, lobo — disse Stefan, e compreendi o que havia de errado na sua voz. Estava morta, esvaziada de qualquer emoção. — Tente tirar-lhe o arnês. Acho que ela estava a tentar transformar-se, mas não pode fazê-lo enquanto estiver com o arnês.

Não me tinha dado conta de que ainda o tinha colocado. Samuel produziu um ruído sibilante quando tocou nas fivelas.

— São de prata — indicou Stefan sem se aproximar. — Posso desapertá-las, se me permitir.

— Quer-me parecer que de repente já lhe sobram as palavras, vampiro — grunhiu Samuel.

Samuel era o lobisomem mais calmo e sereno que conhecia — embora isso não diga lá grande coisa — mas era capaz de distinguir na gravidade da sua voz os prenúncios de violência que fizeram a minha caixa torácica vibrar.

— Fez-me perguntas às quais não posso responder — replicou Stefan calmamente, todavia a sua voz tinha-se animado em cadências mais humanas. — Espero sinceramente que a Mercedes seja capaz de satisfazer a sua curiosidade e a minha. No entanto, antes de mais, é preciso que alguém lhe tire o arnês para que ela possa regressar à forma humana.

Samuel hesitou, após o que se afastou de mim.

— Faça-o você — rosnou em vez de falar.

Stefan avançou lentamente, à espera que Samuel se desviasse antes de me tocar. Cheirava ao meu champô e tinha o cabelo húmido. Teria tomado um duche — e encontrado roupas lavadas algures. Nada naquele quarto de motel tinha escapado ao sangue da mulher assassinada. As minhas próprias patas ainda estavam cobertas dele.

Tive uma súbita e visceral recordação da forma como o tapete ficara empapado, supersaturado com fluido escuro e viscoso. Teria vomitado, mas a repentina dor aguda na minha cabeça perfurou a náusea, uma distração bem-vinda.

Stefan não demorou muito tempo a desafivelar o arnês, e logo depois de este ter sido retirado, transformei-me. Stefan afastou-se e deixou que Samuel regressasse para o seu lugar ao meu lado.

Uma fúria comprimiu os limites da boca de Samuel no instante em que me tocou no ombro. Olhei para baixo e apercebi-me de que a minha pele estava pisada e esfolada dos sítios onde o arnês tinha roçado, e que por todo o meu corpo havia pequenas manchas de sangue seco, cor de ferrugem. Parecia que tinha sofrido um acidente de carro.

Pensar em carros fez com que me lembrasse do trabalho. Olhei lá para fora através da janela, mas o céu ainda estava escuro.

— Que horas são? — perguntei. A voz saiu-me num crocito rouco.

Foi o vampiro que respondeu.

— Cinco e quarenta e cinco.

— Preciso de me ir vestir — disse, levantando-me abruptamente, o que foi um erro. Agarrei-me à cabeça, praguejei, e sentei-me antes que caísse.

Samuel afastou as minhas mãos da minha testa.

— Abre os olhos, Mercy.

Esforcei-me ao máximo, mas o meu olho esquerdo não queria de forma alguma abrir. No momento em que consegui abrir os dois, ele cegou-me com uma caneta luminosa.

— Porra, Sam — disse, contorcendo-me para me libertar da sua mão.

— Só mais uma vez. — Foi implacável, desta vez abrindo ele próprio o meu olho magoado. Depois pousou a lanterna ao lado e percorreu a minha cabeça com as mãos. Sibilei assim que os dedos dele tocaram numa ferida. — Não tens um traumatismo craniano, Mercy, embora tenhas um galo considerável na nuca, uma pisadura dos diabos no olho, e, se não estou enganado, o resto do lado esquerdo da tua cara vai estar roxo antes do romper do dia. A saber, por que é que estás inconsciente há quarenta e cinco minutos, segundo diz o chupador de sangue?

— Há perto de uma hora, agora — interveio Stefan. Encontrava-se novamente sentado no chão, mais longe de mim do que tinha estado, mas observava-me com uma atenção predatória.

— Não sei — respondi, e a voz saiu-me mais trémula do que tencionava.

Samuel sentou-se ao meu lado no sofá, puxou bruscamente o pequeno cobertor que escondia os danos que Medea tinha provocado nas suas costas, e envolveu-me nele. Começou a estender as mãos na minha direção e eu afastei-me. O desejo de proteção de um lobo dominante era um instinto forte — e Samuel era *muito* dominante. Dêem-lhe algum espaço e ele tomará conta do mundo, ou da minha vida se eu o permitir.

Ainda assim, cheirava a rio, deserto e pelagem — e ao familiar odor adocicado que só lhe pertencia a ele. Desisti de lhe oferecer resistência e deixei a minha cabeça dorida pousar no ombro dele. A resiliência e o calor da sua carne contra a minha têtora ajudaram a amenizar a minha dor de cabeça. Talvez se não me mexesse a minha cabeça não caísse. Samuel emitiu um som suave e tranquilizador e percorreu o meu cabelo com os seus dedos hábeis, evitando a parte dorida.

Não tinha esquecido nem o tinha perdoado pela lanterna, mas ficá-

mos quites quando me comecei a sentir melhor. Já se tinha passado muito tempo desde a última vez em que me tinha encostado a alguém, e, mesmo sabendo que era estúpido permitir que Samuel me visse tão débil, não fui capaz de me forçar a afastar-me.

Ouvi Stefan a dirigir-se para a cozinha, a abrir o frigorífico, e a remexer os armários. Em seguida, o odor do vampiro aproximou-se e ele disse:

— Ela que beba isto. Vai ajudar.

— Ajudar a quê? — A voz de Samuel soou bastante mais austera do que o habitual. Se a cabeça me doesse um pouco menos, tinha-me afastado.

— À desidratação. Ela foi mordida.

A sorte de Stefan foi que eu estava encostada a Samuel. O lobisomem levantou-se de um pulo, mas parou a meio caminho quando soltei um gemido perante o seu movimento súbito.

OK, estava a fazer jogo sujo, mas isso impediu Samuel de atacar. Stefan não era o vilão. Se se tivesse alimentado de mim, tinha a certeza de que teria sido por necessidade. Não estava em condições de separá-los, portanto optei por assumir o papel de indefesa. Só desejei que tivesse sido um bocadinho mais difícil fazê-lo.

Samuel voltou a sentar-se e afastou o cabelo do meu pescoço. Com as pontas dos dedos, passou ao de leve por uma parte dorida de um dos lados, que se juntou às minhas outras dores e aflições. Assim que tocou nela, contudo, senti ardor e dor até à clavícula.

— Não fui eu — disse Stefan, mas havia um quê de vacilante na sua voz, como se não tivesse inteira certeza do que dizia. Desenterrei a cabeça de modo a vê-lo. Todavia, o que quer que estivesse na sua voz não lhe tinha tocado a expressão terna que o rosto exibia.

— Não corre nenhum risco para além de anemia — disse a Samuel. — É preciso mais do que uma mordidela para transformar um humano num vampiro... E, seja como for, não tenho a certeza de que a Mercy pudesse ser transformada. Se ela fosse humana, teríamos de nos preocupar com a possibilidade de ele a chamar e ordenar a sua obediência, mas os caminhantes não são tão vulneráveis à nossa magia. Ela apenas precisa de se hidratar e descansar.

Samuel lançou um olhar lancinante ao vampiro.

— Agora está cheio de informações, não é verdade? Se não foi você que a mordeu, o que é que foi?

Stefan sorriu tenuemente, não como tencionava, e entregou a Samuel o copo com sumo de laranja que tinha tentado dar-lhe antes. Percebi o porquê de o ter dado a Samuel e não a mim. Samuel estava a tornar-se territorial — fiquei impressionado com o facto de um vampiro ser capaz de o ler tão bem.

— Acho que a Mercy seria uma narradora melhor — replicou Stefan. Havia na sua voz indícios de uma ansiedade incaracterística que me distraíram da preocupação em relação à possessividade de Samuel.

Por que razão estava Stefan tão ansioso para ouvir o que eu tinha a dizer? Ele também tinha lá estado.

Peguei no copo que Samuel me entregou e endireitei-me até me desencostar dele. Não me tinha apercebido quão sedenta estava até ter começado a beber. Não sou grande apreciadora de sumo de laranja — quem o bebia era Samuel — mas naquele preciso instante soube-me a ambrósia.

Não era magia, contudo. Quando acabei, a cabeça ainda me doía, e a única coisa que queria era enfiar-me na minha cama e tapar-me por completo com os cobertores, todavia não ia ter nenhum descanso enquanto Samuel não tivesse conhecimento de tudo — e Stefan aparentemente não ia falar.

— O Stefan telefonou-me há umas horas — comecei. — Devia-lhe um favor por nos ter ajudado quando a Jesse foi raptada.

Ambos ouviram atentamente, com Stefan a acenar com a cabeça de vez em quando. Quando cheguei à parte em que entrámos no quarto do hotel, Stefan sentou-se no chão, próximo dos meus pés. Recostou-se no sofá, desviou a cabeça de mim e tapou os olhos com uma mão. Talvez estivesse simplesmente a ficar cansado — os estores começavam a iluminar-se com os primeiros vestígios da alvorada na altura em que terminava a descrição da minha tentativa falhada de matar Littleton e o meu subsequente impacto contra a parede.

— Tens a certeza de que foi isso que aconteceu? — inquiriu Stefan sem destapar os olhos.

Franzi-lhe o sobrolho, endireitando as costas.

— Claro que tenho a certeza. — Ele tinha lá estado, portanto o que é que o levava a falar como se eu pudesse estar a inventar?

Esfregou os olhos e fitou-me, e depois notei alívio na sua voz.

— Sem ofensa, Mercy. As memórias que tens da morte da mulher são muito diferentes das minhas.

Carreguei o cenho.

— Diferentes como?

— Dizes que me limitei a ficar ajoelhado no chão enquanto o Littleton assassinava a empregada do hotel?

— Exatamente.

— A minha recordação não é essa — replicou num sussurro. — Lembro-me de o feiticeiro ter trazido a mulher, de o sangue dela me chamar e de eu ter respondido. — Lambeu os lábios e a combinação de horror e fome nos seus olhos fizeram-me desviar a atenção dele. Continuou num

sussurro, quase de si para si: — Há imenso tempo que não era dominado pela sede de sangue.

— Bom — disse, sem estar certa de que o que tinha para lhe dizer ajudaria ou prejudicaria —, o teu aspeto não era lá muito agradável. Os teus olhos brilhavam e viam-se-te os colmilhos. Mas não fizeste nada à mulher.

Por instantes, um pálido reflexo do brilho vermelho-rubi que tinha visto no quarto do hotel cintilou-lhe nas íris.

— Lembro-me de me deleitar com o sangue da mulher, de pintar as minhas mãos e a minha cara com ele. Ainda o tinha quando te trouxe para casa e tive de o tirar com água. — Fechou os olhos. — Há uma velha cerimónia... proibida há muito tempo, mas eu *lembro-me*... — Abanou a cabeça e concentrou a atenção nas próprias mãos, que estavam frouxamente enlaçadas em redor de um joelho. — *Ainda consigo sentir o sabor dela.*

Aquelas palavras pairaram desconfortavelmente no ar por um momento, antes de ele prosseguir:

— Estava absorto no sangue. — Pronunciou aquela frase como se as palavras pertencessem umas às outras e pudessem significar algo mais complexo do que o seu significado literal. — Quando voltei a mim, o outro vampiro tinha desaparecido. A mulher jazia conforme me lembro de a ter deixado, e tu estavas inconsciente.

Engoliu em seco e depois cravou os olhos na janela iluminada, a sua voz baixou uma oitava, como por vezes pode acontecer com a dos lobos.

— Não me conseguia lembrar do que te tinha acontecido.

Esticou o braço e tocou-me no pé, que era a parte do meu corpo mais próxima dele. Quando voltou a falar, a sua voz soou quase normal.

— Um lapso de memória não é inconsistente com a sede de sangue. — A mão dele moveu-se até se fechar cuidadosamente em volta dos meus dedos dos pés, a sua pele fria contra a minha. — Mas a sede de sangue normalmente só tem o efeito de entorpecer as coisas sem importância. Tu és importante para mim, Mercedes. Ocorreu-me que não serias importante para o Cory Littleton. E esse pensamento deu-me esperança enquanto te trazia de carro até aqui.

Eu era importante para Stefan? Não era mais do que a sua mecânica. Tinha-me feito um favor, e na noite anterior tinha-o retribuído em grandes proporções. Possivelmente seremos amigos — embora eu pensasse que os vampiros não tivessem amigos. Pensei no assunto durante algum tempo e cheguei à conclusão de que Stefan era importante para mim. Se alguma coisa lhe tivesse acontecido esta noite, algo permanente, teria ficado sentida. Talvez ele sentisse o mesmo.

— Achas que ele interferiu na tua memória? — perguntou Samuel enquanto eu ainda estava a pensar. Tinha-se aproximado levemente e lan-

çado um braço em redor dos meus ombros. Foi uma sensação boa. Boa de mais. Deslizei para a frente no sofá, para longe de Samuel — e Stefan deixou a mão cair do meu pé quando me mexi.

Stefan acenou afirmativamente com a cabeça.

— É óbvio que algo de errado se passa ou com a minha memória ou com a da Mercy. Não me parece que ele conseguisse afetar a da Mercy, mesmo sendo um feiticeiro. Esse tipo de coisa simplesmente não funciona em caminhantes como ela, a menos que ele se tenha esforçado mesmo muito.

Samuel produziu um som de hesitação.

— Não estou a ver por que razão haveria de querer que a Mercy pensasse que você era inocente de um assassinato, especialmente se pensava que ela era apenas um coio. — Cravou os olhos em Stefan, que encolheu os ombros.

— Os caminhantes só foram uma ameaça durante um par de décadas, e isso foi há séculos. O Littleton é muito novo; ficaria surpreendido se ele sequer tivesse ouvido falar em algo parecido com a Mercy. É possível que o demónio saiba, nunca se sabe ao certo o que os demónios sabem. Mas a melhor prova de que o Littleton pensa que a Mercy não passava de um coio é o facto de ela ainda estar viva.

Ainda bem para mim.

— Muito bem. — Samuel esfregou a face. — É melhor ligar ao Adam. Ele precisa de enviar a equipa de limpeza dele ao hotel antes que alguém veja a bagunça e comece a gritar «lobisomem». — Ergueu uma sobrancelha a Stefan. — Embora ache que podíamos simplesmente dizer à polícia que foi um vampiro.

Tinham-se passado menos de seis meses desde que os lobisomens tinham seguido os seres feéricos na opção de ir a público. Não tinham contado tudo à população humana, e apenas os lobisomens que optaram por fazê-lo se revelaram — a maioria estava no exército, pessoas já separadas da população geral. Mantivemo-nos em suspenso, à espera de ver o que daí resultaria, mas, até à data, não se registaram quaisquer distúrbios, contrariamente ao que acontecera aquando da exposição dos seres feéricos algumas décadas antes.

Parte da reação serena deveu-se ao planeamento cuidadoso do Marrok. Os americanos sentem-se seguros no nosso mundo moderno. Bran fez tudo o que estava ao seu alcance para proteger essa ilusão, apresentando os seus lobos públicos como vítimas que suportaram a sua aflição e a usaram corajosamente para proteger os outros. Os lobisomens — queria ele que o público acreditasse, pelo menos durante algum tempo — eram simplesmente pessoas que ficavam peludas aquando da Lua cheia. Os primeiros lobos a vir a público eram heróis que colocavam a sua vida em risco para

proteger os humanos mais frágeis. O Marrok, à semelhança do que sucedera com os seres feéricos que o antecederam, optou por manter os aspetos mais negros dos lobisomens escondidos da forma mais cuidadosa que lhe era possível.

Todavia, penso que o grosso do mérito pela aceitação pacífica da revelação pertence aos seres feéricos. Durante mais de duas décadas, os seres feéricos tinham tido a capacidade de se apresentar como frágeis, amáveis e dóceis — e qualquer pessoa que tenha lido os Irmãos Grimm ou Andrew Lang compreenderá a dimensão de tamanha proeza.

Independentemente da ameaça de Samuel, o seu pai, o Marrok, jamais concordaria com a exposição dos vampiros. Não havia como suavizar o facto de que os vampiros se alimentavam de humanos. E assim que as pessoas se apercebessem de que de facto existiam monstros, era bem possível que se apercebessem de que os lobisomens, também eles, eram monstros.

Stefan sabia tão bem quanto Samuel o que o Marrok diria. Sorriu desagravelmente ao lobisomem, mostrando os colmilhos.

— Já se tratou da *bagunça*. Telefonei à minha senhora antes de trazer a Mercy para casa. Não precisamos de lobisomens para nos fazer a limpeza. — Normalmente, Stefan era mais amável, mas também ele tinha tido uma noite má.

— O outro vampiro provocou-te memórias falsas — disse para distrair os homens do seu antagonismo. — Isso aconteceu por ele ser um feiticeiro?

Stefan inclinou a cabeça, como se estivesse embaraçado.

— Nós conseguimos fazer isso aos humanos — disse, dando-me uma informação que eu dispensava. Ele viu a minha reação e explicou: — Isso significa que podemos deixar vivos aqueles de quem nos alimentamos despreocupadamente, Mercedes. Ainda assim, os humanos são uma coisa, e os vampiros outra. Supostamente, não conseguimos fazer isso uns aos outros. No entanto, não tens com que te preocupar. Nenhum vampiro consegue transformar a *tua* memória, provavelmente nem mesmo um que seja feiticeiro.

Uma sensação de alívio trepou-me pelo corpo. Se tivesse de escolher coisas que não queria que um vampiro me fizesse, desordenar os meus pensamentos estaria numa posição cimeira da minha lista. Toquei no meu pescoço.

— Por isso é que querias que estivesse contigo. — Endireitei as costas. — Disseste que o tinha feito a outro vampiro. O que é que ele levou o outro vampiro a pensar que tinha feito?

Stefan exibiu um ar cauteloso... e culpado.

— Tu sabias que ele ia matar alguém, não sabias? — acusei-o. — Foi isso que ele fez ao outro vampiro? Levá-lo a pensar que tinha matado al-

guém? — A recordação da morte lenta que eu não tinha sido capaz de impedir fez-me cerrar os punhos.

— Não sabia o que ele ia fazer. Mas sim, acreditava que tinha matado antes e levado o meu amigo a pensar que tinha sido ele o responsável. — Falou como se as palavras lhe deixassem um sabor amargo na boca. — Mas não podia agir sem provas. Portanto morreram mais pessoas que não deviam ter morrido.

— Você é um vampiro — disse Samuel. — Não tente fazer-nos acreditar que se importa com a morte de pessoas inocentes.

Stefan fitou Samuel olhos nos olhos.

— Já tolerei mortes de sobra em tempos que já lá vão, mas acredite no que quiser. Tantas mortes ameaçam os nossos segredos, lobisomem. Mesmo que eu não me importasse minimamente com a morte de qualquer humano, não ia querer que tantos morressem e comprometessem os nossos segredos.

Que tantos morressem?

A sua certeza de que, na altura em que Littleton nos tinha convidado para entrar, nenhum barulho incomodaria quem quer que fosse no hotel tornou-se subitamente clara. A coisa que eu tinha visto a matar a mulher não teria hesitado em matar as pessoas que fosse necessário.

— Quem mais é que morreu esta noite?

— Quatro. — Stefan não desviou o olhar de Samuel. — O rececionista do turno da noite e três hóspedes. Por sorte o hotel estava quase vazio.

Samuel praguejou.

Eu engoli em seco.

— Portanto os corpos vão simplesmente desaparecer?

Stefan suspirou.

— Tentamos não fazer desaparecer pessoas cuja falta será sentida. Os cadáveres serão explicados de modo a causar o menor espalhamento possível. Uma tentativa de assalto, uma discussão de amantes que ficou descontrolada.

Abri a boca para dizer algo temerário, mas contive-me. As regras segundo as quais todos tínhamos de viver não eram da responsabilidade de Stefan.

— Pôs a Mercy em risco — grunhiu Samuel. — Se ele já tinha feito outro vampiro matar involuntariamente, podia ter feito com que você matasse a Mercy.

— Não. Ele não me podia ter forçado a fazer mal à Mercy. — A voz de Stefan continha tanta raiva quanto a de Samuel, o que conferia alguma dúvida à firmeza da sua resposta. Também ele devia ter notado, porque voltou a concentrar a atenção em mim. — Eu jurei-te, pela minha honra,

que nenhum mal te seria feito esta noite. Subestimei o inimigo, e sofreste por causa disso. Falhei com o prometido.

— «Para que o mal triunfe basta que os homens bons nada façam» — murmurei. Tivera de ler *Reflexões Sobre a Revolução Francesa*, de Edmund Burke, três vezes na universidade; algumas das suas observações tinham-me parecido especialmente relevantes, para mim que fora educada com a compreensão da dimensão do mal que realmente existia no mundo.

— O que queres dizer com isso? — inquiriu Stefan.

— A minha presença naquele quarto de hotel vai ajudar-te a destruir aquele monstro? — perguntei.

— Espero que sim.

— Então o pouco que me magoei valeu a pena — disse com firmeza.

— Não te martirizes por causa disso.

— A honra não é reposta assim tão facilmente — interveio Samuel, fixando-se em Stefan.

Stefan pareceu concordar, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer por ele a esse respeito.

— Como é que sabias que havia algo de errado no Littleton? — perguntei.

Stefan interrompeu a sua competição de olhar fixo com Samuel, baixando os olhos na direção da Medea que tinha deslizado para o seu colo e ali se agachara, ronronando. Se ele fosse humano, teria dito que tinha um ar cansado. Se tivesse baixado os olhos daquela maneira diante de um lobisomem menos civilizado, poderia ter tido problemas, porém Samuel sabia que o facto de um vampiro baixar o olhar não era sinónimo de admitir submissão.

— Tenho um amigo chamado Daniel — disse Stefan passado um bocado. — Ele é muito novo, para os da nossa espécie, e pode dizer-se que é um bom rapaz. Há um mês, quando um vampiro se registou num hotel local, enviaram o Daniel para verificar a razão pela qual ele não nos tinha contactado para as habituais permissões.

Stefan encolheu os ombros.

— É uma coisa que fazemos com muita frequência; não era de esperar que fosse perigoso ou invulgar. Era uma missão apropriada para um vampiro novato. — Acontece que havia na sua voz um toque de desaprovação que me indicou que ele não teria enviado Daniel para confrontar um vampiro desconhecido. — O Daniel foi de alguma maneira desencaminhado, não se lembra como. Uma coisa qualquer despertou-lhe a sede de sangue. Nunca chegou a ir ao hotel. Havia um pequeno grupo de trabalhadores sazonais que estavam a acampar no pomar de cerejeiras, à espera de começar a colheita. — Trocou um olhar com Samuel sobre a minha cabeça. —

Como aconteceu hoje à noite, a bagunça não foi bonita, mas foi solucionável. Pegámos nas caravanas e nos veículos deles e fizemo-los desaparecer. O proprietário do pomar ficou a pensar que eles se tinham fartado de esperar e se puseram a andar. O Daniel foi... punido. Não de forma demasiado dura, porque é novo e a sede é extraordinariamente forte. Mas agora, por vontade própria, não come de todo. Está a morrer de culpa. Tal como te disse, é um bom rapaz.

Stefan inspirou, uma inalação profunda e de limpeza. Stefan em tempos dissera-me que a maior parte dos vampiros respirava porque não respirar atraía a atenção humana. No entanto, penso que alguns deles o fazem porque não respirarem é tão perturbador para eles como é para nós. Seja como for, é evidente que se eles querem falar têm de respirar um pouco.

— No meio do frenesim — prosseguiu Stefan —, ninguém investigou o vampiro visitante que, afinal de contas, passou apenas uma noite na cidade. Nem sequer me passou pela cabeça questionar o que tinha acontecido até ter tentado ajudar o Daniel há uns dias. Ele falou comigo sobre o que tinha acontecido, e havia qualquer coisa que simplesmente não batia certo na história dele. Eu conheço a sede de sangue. Ele não se conseguia lembrar da razão pela qual tinha decidido viajar até Benton City, a mais de trinta quilómetros do hotel onde devia estar. O Daniel é muito obediente, como um dos vossos lobos submissos. Não se teria desviado das suas ordens sem instigação. Ele não tem a capacidade de se deslocar como eu, teria de ter conduzido todo o percurso: e conduzir não é uma coisa que um vampiro no auge da sede de sangue faça bem. Decidi investigar um pouco o vampiro com quem devia ter ido ter. Não foi difícil sacar o nome dele ao rececionista do hotel onde tinha ficado. Não consegui descobrir nada sobre um vampiro chamado Cory Littleton, mas havia um homem com esse nome a oferecer os seus serviços em assuntos de magia na Internet.

Stefan sorriu ligeiramente de face voltada para o chão.

— Estamos proibidos de transformar alguém que não seja totalmente humano. De qualquer das formas não iria funcionar, mas há histórias... — Encolheu os ombros descontente. — Já vi o suficiente para saber que esta é uma boa regra. Quando fui em perseguição, esperava encontrar uma bruxa que tinha sido transformada. Nunca me ocorreu que pudesse ser um feiticeiro: há séculos que não via um feiticeiro. Nos dias de hoje, a maior parte das pessoas não tem a crença no mal e o conhecimento necessário para fazer um pacto com o demónio. Portanto pensava que Littleton era uma bruxa. Uma bruxa poderosa, contudo, para ser capaz de afetar a memória de um vampiro, mesmo sendo um novato como o Daniel.

— Por que é que foi atrás dele só com a Mercy? — perguntou Samuel.
— Não podia ter arranjado outro vampiro para ir consigo?

— O Daniel tinha sido punido, o assunto foi dado por terminado. — Stefan bateu com a mão no joelho, impaciente em relação ao julgamento.
— A Senhora não quis voltar a ouvir falar nisso.

Tinha conhecido Marsilia, a Senhora do ninho de Stefan. Ficara com a impressão de que não era do tipo de se preocupar particularmente com a morte de alguns humanos, ou mesmo de algumas centenas de humanos.

— Estava a ponderar agir ao arrepio da decisão dela, quando o vampiro regressou. Não tinha nenhuma prova das minhas suspeitas, compreendem? Na opinião de todos os outros, o Daniel tinha sido vítima da sua sede de sangue. Portanto voluntariei-me para eu próprio falar com este desconhecido. Pensei que talvez pudesse ver se ele era alguém capaz de fazer com que o Daniel se lembrasse de fazer coisas que na verdade não tinha feito. Levei a Mercy comigo como precaução. De facto não esperava que ele me pudesse afetar como tinha afetado o Daniel.

— Então achas que o Daniel não matou as pessoas que achava que tinha matado? — perguntei.

— Uma bruxa que também fosse vampira talvez fosse capaz de implantar memórias, mas não seria capaz de levar o Daniel a matar. Um feiticeiro... — Stefan esticou as mãos. — Um feiticeiro podia fazer muitas coisas. Considero-me sortudo por ele ter sentido tanta ânsia de matar que nem usou a sede de sangue a que me induziu para me levar a matar a arrumadora de quarto, como estava meio convencido que tinha feito. Fui-me tornando arrogante ao longo dos anos, Mercedes. Na verdade, não acreditava que ele me pudesse fazer alguma coisa. O Daniel, afinal de contas, é muito novo. A tua função era servires de salvaguarda, mas não estava à espera de precisar de ti.

— O Littleton era um feiticeiro — disse-lhe. — Um vampiro idiota qualquer escolheu transformá-lo. Quem é que fez isso? Foi alguém destas bandas? E se não, por que é que ele está aqui?

Stefan sorriu novamente.

— Essas são perguntas que terei de fazer à minha senhora. A transformação pode ter sido um erro, como a nossa bela Lilly.

Tinha conhecido Lilly. Era louca quando era humana, e ter-se transformado em vampira não tinha alterado isso. Era também uma pianista incrível. O seu criador tinha-se deixado envolver tanto pela sua música que não tinha arranjado tempo para reparar em qualquer outra característica dela. À semelhança dos lobisomens, os vampiros tendem a livrar-se de alguém que possa atrair para si uma atenção indesejada. O extraordinário

dom de Lilly tinha-a protegido, embora o seu criador tivesse sido morto por ser tão descuidado.

— Como é que pode ter sido um erro? — perguntei. — Eu vi a tua reação. Cheiraste o demónio antes de termos entrado no hotel.

Abanou a cabeça.

— Os demónios não são propriamente comuns nos dias de hoje. Os possuídos pelo demónio são rapidamente enjaulados em hospitais psiquiátricos onde são dominados por drogas. A maior parte dos vampiros mais novos nunca se cruzou com um feiticeiro. Tu própria disseste que não sabias o que tinhas cheirado até eu te dizer.

— Por que é que o demónio não impediu que esse feiticeiro se tornasse vítima do vampiro? — inquiriu Samuel. — Normalmente protegem os seus simbioses até não quererem mais nada com eles.

— Por que é que havia de o fazer? — intervim, varrendo mentalmente tudo o que tinha ouvido acerca de feitiçaria, que não era muito. — O único desejo dos demónios é gerar o máximo de destruição possível. O vampirismo não faria outra coisa senão aumentar a capacidade de Littleton de criar o caos.

— Sabe alguma coisa sobre demónios, Samuel Cornick? — perguntou Stefan.

Samuel abanou a cabeça.

— Não o suficiente para servir de ajuda. Mas eu ligo ao meu pai. Se ele não souber, conhecerá alguém que saiba.

— Este é um problema que diz respeito aos vampiros.

As sobrancelhas de Samuel ergueram-se rapidamente.

— Não se o feiticeiro estiver a deixar estragos e sangue pelo caminho.

— Nós tratamos dele... e dos estragos dele. — Stefan virou-se para mim. — Tenho mais dois favores para te pedir, embora já não me devas nada.

— De que é que precisas? — A minha esperança era que não fosse nada imediato. Estava cansada e mais do que preparada para lavar o sangue das minhas mãos, tanto figurativa como literalmente, embora temesse que a primeira se afigurasse difícil.

— Importas-te de ir até junto da minha senhora e relatar-lhe o que me contaste sobre os acontecimentos desta noite? Ela não vai querer acreditar que um vampiro recém-transformado tivesse sido capaz de fazer o que ele fez. A notícia de um feiticeiro entre nós nunca mais será bem acolhida por nenhum dos membros do ninho.

Não tinha particular vontade de reencontrar Marsilia. Ele deve ter notado isso na minha cara, porque continuou:

— É preciso pôr-lhe travão, Mercy. — Respirou fundo uma vez mais,

mais fundo do que o necessário se apenas fosse usar o ar para falar. — Vão-me interrogar ao pormenor sobre esta noite. Vou dizer-lhes o que vi e ouvi, e eles vão perceber se o que eu digo é verdadeiro ou falso. Posso contar-lhes os acontecimentos que tu dizes que tiveram lugar, mas não têm como saber se são verdade a menos que tu, tu própria, fales por mim. Sem a tua presença lá, vão assumir a minha recordação da morte da empregada como um facto e as palavras que me disseste como boato.

— O que é que eles vão fazer se não acreditarem em ti? — perguntei.

— Não sou um vampiro novato, Mercedes. Se eles decidirem que pus em risco a nossa espécie ao matar aquela mulher, destroem-me, da mesma maneira que o líder do teu bando teria de destruir um lobo para proteger os restantes.

— Está bem — concordei vagarosamente.

— Só se eu puder ir com ela — emendou Samuel.

— Uma companhia à escolha dela — aquiesceu Stefan. — Talvez o Adam Hauptman ou um dos seus lobos. Dr. Cornick, por favor não fique ofendido, mas não me parece que deva ir. A minha senhora ficou encantada por si da última vez, e o autocontrolo nessa matéria não é o forte dela.

— Quando precisares de mim, diz-me — apressei-me a dizer antes que Samuel pudesse começar a discutir. — Eu arranjo alguém para servir de escolta.

— Obrigado — replicou Stefan, e depois hesitou: — É perigoso para ti lembrar ao ninho aquilo que tu és.

Os caminhantes não são populares entre os vampiros. Tinha concluído isso quando os vampiros vieram pela primeira vez para esta parte do Novo Mundo. Os caminhantes por estas bandas tinham-se tornado uma praga e os vampiros exterminaram praticamente todos. Stefan recusava-se a contar-me mais pormenores. Algumas coisas tinha descoberto sozinha — como, por exemplo, o facto de a maior parte da magia dos vampiros não ter efeito sobre mim. Contudo, não conseguia perceber em que medida é que eu representava qualquer perigo para eles — contrariamente, por exemplo, a um lobisomem.

Stefan sabia o que eu era há quatro anos, mas mantivera segredo do seu ninho até à altura em que fui ao encontro deles para pedir ajuda. Tinha-se metido em sarilhos por causa disso.

— Eles já sabem o que eu sou — disse-lhe. — Eu vou. Qual é o segundo favor?

— Já está muita claridade lá fora para me poder deslocar — disse, acenando vagamente com a mão em direção à minha janela. — Tens algum sítio escuro onde eu possa passar o dia?

...

O único sítio onde Stefan podia dormir era o meu armário. Os armários do quarto de Samuel e do terceiro quarto tinham portas venezianas que permitiam a passagem de muita luz. Todas as minhas janelas tinham estores, mas nada que permitisse a escuridão necessária para manter um vampiro em segurança.

O meu quarto ocupava uma das extremidades da caravana — o quarto de Samuel era na extremidade oposta. Abri a minha porta e acenei a Stefan para que entrasse, mas Samuel também entrou. Suspirei e não barafustei. Samuel não me ia deixar a sós com Stefan sem uma discussão da qual o meu abatimento extremo não me permitiria desfrutar.

O meu quarto estava atulhado de peças de roupa, algumas sujas, algumas limpas. As peças limpas estavam dobradas em pilhas que ainda não me tinha decidido a guardar nas gavetas. Espalhados por entre a roupa estavam livros, revistas e correio que ainda não tinha separado. Se soubesse que ia ter um homem no quarto, tinha-o arrumado.

Abri o armário e tirei do interior algumas caixas e dois pares de sapatos. Depois disso ficou vazio — com exceção dos quatro vestidos pendurados a uma lado. Era um armário grande, suficientemente comprido para que Stefan se deitasse confortavelmente.

— O Samuel pode arranjar-te uma almofada e um cobertor — disse, pegando em peças de roupa ao mesmo tempo que falava. A minha necessidade de estar limpa vinha-se intensificando desde que acordara, e agora era já uma necessidade desesperada. Precisava de remover da minha pele o cheiro da morte da mulher porque não conseguia tirá-lo da cabeça.

— Mercedes — disse Stefan num tom amável —, não preciso de um cobertor. Não vou estar a dormir, vou estar morto.

Não sei por que é que aquilo foi a última gota. Talvez por se tratar de uma insinuação de que não compreendia o que ele era — numa altura em que acabara de presenciar um exemplo gráfico do que os vampiros podiam fazer. Ia a meio caminho da casa de banho, mas dei meia volta e pus-me a olhar fixamente para os dois homens.

— O Samuel vai arranjar-te um cobertor — disse-lhe com firmeza. — E uma almofada. Vais dormir no meu armário. Pessoas mortas não ficam no meu quarto.

Fechei a porta da casa de banho atrás de mim e deixei cair a manta afegã que tinha vestido no chão. Ouvi Samuel dizer «Vou buscar roupa de cama» antes de abrir a torneira do chuveiro para que aquecesse.

A porta da minha casa de banho está totalmente revestida com um espelho. Um daqueles baratos com a imitação de um caixilho de madeira.

Quando me virei para colocar a roupa por cima do lavatório, onde não ficaria molhada, olhei para mim atentamente.

A princípio, não conseguia ver mais nada a não ser sangue ressequido. No meu cabelo, na minha cara, nos ombros, nos braços e nas ancas. Nas minhas mãos e nos meus pés.

Vomitei na sanita. Duas vezes. Em seguida lavei as mãos e a cara e passei a boca por água.

O sangue não me é completamente estranho. Afinal de contas por vezes sou coioote. Já matei a minha quota-parte de coelhos e ratos. No inverno passado matei dois homens — lobisomens. Mas esta morte foi diferente. Malévola. Não a tinha matado por comida, vingança ou autodefesa. Tinha-a matado, a ela e a mais quatro pessoas, porque gostava disso. E eu não tinha sido capaz de o impedir.

Olhei novamente para o espelho.

Nas minhas costelas e pescoço destacavam-se nódoas negras. Marcas roxo-escuras traçavam o percurso que o arnês tinha percorrido em torno do meu peito e costelas. Devo ter feito isso enquanto me tentava libertar da mão de Stefan cerrada na minha trela. A pisadura na parte lateral do meu ombro direito era mais negra do que roxa. O lado esquerdo da minha cara estava inchado da maçã do rosto até ao maxilar com um vermelho que prometia uma nódoa negra verdadeiramente espetacular.

Inclinei-me para a frente e toquei na minha pálpebra intumescida. Parecia uma vítima de violação — com exceção das duas marcas escuras no meu pescoço.

Assemelhavam-se a uma mordedura de cascavel, duas crostas escuras quase formadas rodeadas por pele inchada e avermelhada. Tapei-as com a minha mão e perguntei-me até que ponto confiava no que Stefan dissera em relação ao facto de nem me vir a transformar em vampira nem vir a ficar sob o controlo de Littleton.

Peguei na água oxigenada e apliquei-a nos meus ferimentos, sibilando com as dores agudas. Não me fez sentir de todo mais limpa. Levei o frasco comigo para o duche e verti o conteúdo no meu pescoço até que ficasse vazio. Depois esfreguei.

O sangue depressa desapareceu, embora por segundos a água aos meus pés ficasse da cor da ferrugem. Todavia, por muito sabonete e champô que usasse, ainda me sentia suja. Quanto mais esfregava, mais nervosa me sentia. Littleton não me tinha estuprado, mas ainda assim tinha-me violado o corpo. O pensamento da boca dele em mim embrulhou-me novamente o estômago.

Permaneci debaixo do chuveiro até que a água ficasse fria.

O meu quarto estava vazio e a porta do armário estava fechada quando finalmente emergi da casa de banho. Relanceei os olhos ao relógio. Quinze minutos para chegar à oficina se quisesse abri-la a horas.

Ainda bem que não estava ali ninguém para me ouvir grunhir e resmungar enquanto me vestia. Pelo menos ninguém vivo.

Todos os músculos do corpo me doíam, especialmente no meu ombro direito, e assim que me curvei para enfiar as meias e os sapatos, a face maltratada do meu rosto começou a latejar. No entanto, doer-me-ia ainda mais se perdesse clientes por não ter a oficina aberta à hora do costume.

Abri a porta do quarto e Samuel olhou para cima a partir do lugar do sofá onde estava sentado. Também ele tinha passado toda a noite acordado; devia ter ido para a cama em vez de se pôr à minha espera para me franzir o sobrolho. Levantou-se e tirou um saco de gelo do congelador.

— Toma, põe isto na cara.

A sensação foi boa e encostei o peso do meu corpo à porta para desfrutar do adormecimento que provocou na minha bochecha latejante.

— Telefonei ao Zee e contei-lhe o que se passou — anunciou Samuel. — Podes ir para a cama. O Zee vai trabalhar na oficina por ti. Disse que amanhã pode fazer o mesmo, se precisares dele.

Siebold Adelbertsmiter, Zee para os amigos, era um bom mecânico, o melhor. Tinha-me ensinado tudo o que sei e depois vendera-me a oficina. Também era uma criatura feérica — e a primeira pessoa a quem tencionava recorrer para conseguir informações acerca dos feiticeiros.

Apesar de por vezes me substituir quando eu estava doente, nem se-

quer me tinha ocorrido telefonar-lhe para me ajudar na oficina — o que prova que provavelmente seria melhor eu não ir trabalhar naquele dia.

— Estás trôpega — disse Samuel passado um momento. — Vai para a cama. Vais-te sentir melhor quando acordares.

— Obrigada — respondi entre dentes antes de me voltar a fechar no quarto.

Caí na cama de cara virada para baixo e soltei um grunhido porque voltei a sentir dor. Virei-me até me sentir confortável, tapei a cabeça com a minha almofada e dormitei algum tempo, talvez uma meia hora.

Conseguia sentir o cheiro de Stefan.

Não que ele cheirasse mal — simplesmente tinha o seu cheiro, uma espécie de misto de vampiro com pipoca. Porém, não conseguia tirar da cabeça o que ele dissera acerca de estar morto durante o dia. Uf. De maneira alguma ia ser capaz de dormir com um homem morto no meu armário.

— Obrigada, Stefan — proferi carrancudamente ao mesmo tempo que levantava a custo o meu corpo dorido da cama. Se não conseguia dormir, mais me valia ir trabalhar. Abri a porta de acesso à sala de estar, contando que estivesse vazia, uma vez que Samuel também tinha passado a noite acordado.

Em vez disso, estava sentado à mesa da cozinha a beber café com Adam, o lobisomem Alfa local, que por acaso vivia do outro lado da minha vedação traseira.

Não tinha ouvido Adam entrar. A partir da altura em que comecei a partilhar a minha casa com Samuel, tornei-me descuidada. No entanto, devia ter percebido que ele iria aparecer logo que Samuel lhe telefonasse — e, como é evidente, Samuel tinha de lhe telefonar por causa do banho de sangue no hotel. Adam era o Alfa, e responsável pelo bem-estar de todos os lobisomens da zona.

Ambos olharam para mim quando abri a porta.

Senti-me tentada a dar meia volta e regressar ao meu quarto com o homem morto no armário. Não que eu seja muito vaidosa. Se alguma vez o tivesse sido, o facto de ganhar a vida besuntada com toda a espécie de misturas de lubrificantes e porcaria ter-me-ia curado rapidamente. Ainda assim, não estava em condições de encarar dois homens sensuais tendo um olho inchado e praticamente fechado e metade da cara preta e azul.

Stefan, estando morto, dificilmente repararia no meu aspeto — e eu nunca tinha andado com Stefan. Não que estivesse a andar com Adam ou Samuel no momento presente.

Não andava com Samuel desde os dezasseis anos.

Conheço Samuel desde sempre. Cresci no bando do Marrok, na parte noroeste de Montana, sendo um bando de lobisomens aquilo que a minha

mãe encontrou como mais próximo daquilo que eu era. Foi mero acaso o tio-avô dela pertencer aos Marrok. Um acaso afortunado, vim mais tarde a acreditar. Muitos lobisomens simplesmente ter-me-iam matado sem pensar duas vezes — da forma que um lobo mata um coiote que invada o seu território.

Bran, o Marrok, para além de ser o governante de todos os lobos norte-americanos, era um bom homem. Acolheu-me e criou-me quase como se pertencesse ao bando. Quase.

Samuel era o filho do Marrok. Tinha estado presente enquanto lutava para viver num mundo sem lugar para mim. Tinha sido criada pelo bando, mas não era um deles. A minha mãe amava-me, mas também não pertencia ao seu mundano universo humano.

Quando tinha dezasseis anos, acreditava ter encontrado o meu lugar junto de Samuel. Só quando o Marrok me fez ver que Samuel queria filhos — e não o meu amor —, é que finalmente compreendi que tinha de criar o meu próprio caminho na vida em vez de me juntar ao de outra pessoa.

Deixei Samuel e o bando e não voltei a vê-los durante mais de quinze anos, quase metade da minha vida. Tudo isso mudou no passado inverno. Agora tinha o número de telemóvel do Marrok na minha lista de acesso rápido e Samuel tinha decidido mudar-se para Tri-Cidades. Mais especificamente, tinha decidido mudar-se para a minha casa.

Ainda não tinha a certeza absoluta do motivo. A minha casa, de que muito gosto, é uma caravana com seis metros por vinte e sete, tão velha quanto eu. Samuel, sendo um médico, está acostumado a um alojamento de qualidade ligeiramente superior.

O seu pesadelo à volta de papelada tinha demorado muito tempo a ser resolvido. Apenas no mês anterior obtivera finalmente a sua licença para exercer medicina em Washington, bem como em Montana e no Texas. Largara o seu trabalho como funcionário no turno da noite numa loja de conveniência e começara a trabalhar nas urgências do hospital de Kennewick. Todavia, mesmo com o aumento dos seus rendimentos, não tinha dado qualquer indício de sair. A sua breve estadia temporária em minha casa tinha-se transformado em seis meses e algumas mudanças.

A princípio, tinha recusado a sua permanência.

— Por que não na casa do Adam? — perguntara-lhe. Como Alfa do bando de lobisomens local, Adam estava habituado a ter hóspedes por breves períodos de tempo e tinha mais quartos do que eu. Não perguntei por que razão Samuel não comprou a sua própria casa — Samuel já me tinha dito que passara demasiado tempo sozinho nos últimos anos. Os lobisomens não se dão bem sozinhos. Precisam de alguém, de um bando ou de uma família, senão começam a comportar-se de forma estranha. Os lobi-

somens que se tornam estranhos tendem a acabar mortos — e por vezes arrastam muitas outras pessoas nessa morte.

Samuel erguera as sobrancelhas e dissera:

— Queres mesmo que nos matemos um ao outro? O Adam é o Alfa, e eu sou um dominante mais forte do que ele. É verdade que ambos vivemos tempo suficiente para nos controlarmos até certo ponto, mas, se estivéssemos a viver juntos, mais cedo ou mais tarde íamos mandar-nos à goela um do outro.

— A casa do Adam fica a menos de cem metros da minha — afirmei secamente. O que Samuel dissera seria acertado em relação a qualquer outro lobo, mas Samuel estabelecia as suas próprias regras. Se quisesse viver em paz com Adam, seria capaz de fazê-lo.

— Por favor. — O seu tom estava o mais distante possível do suplicante.

— Não — repliquei.

Fez-me uma nova e mais longa pausa.

— Então como é que vais explicar aos teus vizinhos o facto de teres um homem estranho a dormir no teu alpendre?

Teria sido capaz de fazer isso, portanto deixei-o mudar-se para minha casa.

Disse-lhe que da primeira vez que se fizesse a mim sairia porta fora. Expliquei-lhe que já não o amava, embora talvez tivesse tido mais impacto se eu própria estivesse inteiramente certa disso. Era uma ajuda para mim saber que ele não me amava e não me tinha amado quando tentara fugir de casa comigo na altura em que eu tinha dezasseis anos e ele tinha sabe-se lá quantos.

Na verdade, não era tão mau como parecia. Ele foi criado numa altura em que as mulheres casavam muito antes dos dezasseis anos. É difícil aos lobisomens mais velhos adaptarem-se às maneiras de pensar modernas.

No entanto, quem me dera poder usar isso contra ele. Ajudava-me a manter presente na minha cabeça que ele ainda me queria apenas por causa daquilo que eu lhe podia dar: filhos que vissem.

Os lobisomens são feitos, não nascidos. Para que alguém se torne lobisomem, é necessário que sobreviva a um ataque tão violento que o ponha às portas da morte — o que permite que a magia do lobisomem derrote o sistema imunitário. Muitos dos parentes do lobisomem que tentam tornar-se, também eles, lobisomens morrem durante a tentativa. Samuel tinha vivido mais tempo do que todas as suas mulheres e filhos. De entre os seus filhos, todos aqueles que tinham tentado tornar-se lobisomens haviam morrido.

As mulheres-lobas não podem ter filhos; abortam espontaneamente

durante a mudança da Lua. As mulheres humanas podem ter filhos com lobisomens, mas apenas podem transportar até ao nascimento bebés que tenham ADN exclusivamente humano.

Todavia eu não era nem humana nem mulher-lobo.

Samuel estava convencido de que eu seria diferente. Não obedecendo ao apelo da Lua, as minhas transformações não são violentas — ou sequer, na verdade, necessárias. Em tempos permaneci três anos sem me transformar em coioote. Se os lobos e os coiotes se podem cruzar na vida selvagem, por que não lobisomens e caminhantes?

Desconheço a resposta biológica para isso, mas a minha é que não estava interessada em ser parideira, muito obrigada. Portanto, nada de Samuel para mim.

Os meus sentimentos por Samuel deviam estar impecável e ordenadamente arrumados no passado — mas acontece que não tinha sido inteiramente capaz de me convencer de que o que sentia por ele era o afeto duradouro que qualquer pessoa sentiria por um velho amigo.

Talvez tivesse chegado a alguma conclusão em relação a Samuel — que, afinal de contas, vinha vivendo em minha casa havia mais de meio ano — se não fosse Adam.

Adam fora a minha cruz durante a maior parte do tempo que viveira em Tri-Cidades, onde governava com mão de ferro. À semelhança do Marrok, tinha uma tendência marcada para me tratar como um dos seus subordinados quando lhe convinha, e como um vadio humano quando não lhe convinha. Ele era tirânico, para não dizer pior. Tinha-se declarado meu companheiro diante do bando — e depois teve o descaramento de me dizer que era para a minha própria proteção, para que os lobos dele não me incomodassem, uma coioote a viver no território deles. Assim que o disse, passou a ser verdade — e nada do que eu pudesse dizer alteraria isso aos olhos do seu bando.

No entanto, no passado inverno, tinha precisado de mim, e as coisas entre nós mudaram.

Fomos sair juntos três vezes. Durante o primeiro, eu tinha um braço partido e ele fora muito cuidadoso. No segundo, ele e sua filha adolescente, Jesse, levaram-me à apresentação do *O Rei dos Piratas* pela Companhia de Ópera Ligeira de Richland. Diverti-me imenso. No terceiro encontro, o meu braço estava quase curado e não havia Jesse, como não havia nenhum auditório de escola preparatória para refrear quaisquer impulsos apaixonados que possamos ter tido. Fomos dançar e só a filha dele que o esperava em casa e Samuel que me esperava na minha é que nos impediram de tirar a roupa.

Depois de ele me ter levado a casa, recuperei ao ponto de me sentir

assustada. Apaixonar-se por um lobisomem não é uma coisa segura — mas apaixonar-se por um Alfa é pior. Especialmente para alguém como eu. Tinha lutado durante demasiado tempo por pertencer a mim mesma para me permitir agir em conformidade com o resto do seu bando.

Portanto, na vez seguinte que me convidou para sair, eu estava inesperadamente ocupada. Evitar alguém que vive na porta ao lado requer muito esforço, mas consegui. Ajudou-me o facto de, com a vinda dos lobisomens a público, Adam ficar com o tempo subitamente ocupado por viagens constantes entre Washington D.C. e Tri-Cidades.

Embora ele fosse um dos cem, ou número parecido, de lobisomens que se tinham revelado ao público, Adam não era um dos testas-de-ferro de Bran — não tinha o temperamento necessário para ser uma celebridade. Mas depois de trabalhar com o governo durante quarenta e tal anos, primeiro no exército e mais tarde como consultor de segurança, desenvolvera uma rede de contactos bem como um entendimento da política que fazia dele um elemento inestimável para o Marrok — e para o governo, que tentava decidir como lidar com mais um grupo de criaturas preternaturais.

Entre a sua agenda e a minha inteligente tática de fuga, não o via há quase dois meses.

Mesmo para a minha visão monocular, ele estava belo, mais belo ainda do que me lembrava. Queria demorar-me nas suas maçãs do rosto eslavas e na sua boca sensual, raios partam. Desviei a atenção para Samuel — o que não era propriamente mais seguro. Não era tão bonito, mas isso era indiferente para as minhas hormonas estúpidas.

Samuel foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Por que é que não estás na cama, Mercy? — pronunciou de modo lento e arrastado. — Estás com pior aspeto do que a vítima de acidente que me morreu na mesa de operações a semana passada.

Adam pôs-se de pé e atravessou a sala de estar em quatro longos passos enquanto eu esperava como um rato numa armadilha, consciente de que devia fugir, mas impossibilitada de me mexer. Parou à minha frente, assobiando suavemente entre os dentes ao mesmo tempo que examinava os danos. Quando se inclinou para mais perto de mim e me tocou no pescoço, ouvi um barulho proveniente da cozinha.

Samuel acabara de partir a chávena de café. Não levantou os olhos na minha direção enquanto limpava a porcaria.

— Isso está mau — disse Adam, voltando a atrair a minha atenção para ele. — Consegues ver desse olho?

— Não tão bem como vejo do outro — respondi. — Mas vejo suficientemente bem para perceber que não estás a caminho de Washington

como era suposto. — Tivera de regressar para a Noite da Lua, mas eu sabia que ele tinha chegado de avião ontem à tarde e estava previsto embarcar há uma hora.

Ergueu o canto da boca, e eu estava capaz de cortar a minha própria língua à dentada ao perceber que ele tinha acabado de ficar a saber que lhe andava a controlar os movimentos.

— Os planos foram mudados. Devia ter apanhado um avião para Los Angeles há umas horas. Washington foi a semana passada e será na próxima.

— Então por que é que ainda estás aqui?

O ar de divertimento desapareceu-lhe do rosto e estreitou os olhos, dizendo secamente:

— A minha ex-mulher chegou à conclusão de que está outra vez apaixonada. Ela e o novo namorado partiram para Itália por tempo indefinido. Quando telefonei, a Jesse já estava sozinha há três dias. — Jesse era a sua filha de quinze anos que estava a viver com a mãe em Eugene durante o verão. — Comprei-lhe um bilhete de avião e deve chegar daqui a umas horas. Disse ao Bran que não estou de serviço. Vai ter de endrominar políticos sozinho durante algum tempo.

— Pobre Jesse — repliquei. Jesse era uma das razões pelas quais sempre respeitara Adam, mesmo quando me deixava mais frustrada. Nunca tinha permitido que nada, nem negócios, nem o bando, estivessem antes da sua filha.

— Portanto vou andar por aqui durante uns tempos. — Não foram as palavras, foi o modo como me olhou quando as pronunciou que me forçou a recuar um passo. Detesto quando isso acontece.

Decidi mudar de assunto.

— Ainda bem. O Darryl é um tipo impecável, mas é um bocado duro com o Warren quando não estás por perto.

Darryl era o número dois de Adam e Warren o número três. Na maior parte dos bandos, as duas posições estavam tão próximas que existia sempre alguma tensão entre os lobos que as detinham, especialmente quando o Alfa não estava por perto. A orientação sexual de Warren aumentava ainda mais a tensão.

Ser-se diferente entre os humanos é difícil. Ser-se diferente entre os lobos é normalmente mortal. Não há muitos lobisomens homossexuais que sobrevivam muito tempo. Warren era duro, autoconfiante e o melhor amigo de Adam. A combinação era suficiente para mantê-lo vivo mas nem sempre confortável no seio do bando.

— Eu sei — disse Adam.

— Ajudava se o Darryl não fosse tão giro — interveio Samuel despre-

ocupadamente enquanto atravessava a sala de estar para se postar ao lado de Adam.

Tecnicamente, deveria ter permanecido atrás dele, uma vez que Adam era o Alfa e Samuel era um lobo solitário, fora da hierarquia do bando. Mas Samuel não era um lobo solitário qualquer. Era o filho do Marrok e ainda mais dominante do que Adam se quisesse testar isso.

— Atreve-te a dizer isso ao Darryl — desafiei.

— Não — cortou Adam com um sorriso, mas voz séria. Embora falasse com Samuel, nunca tinha desviado os olhos de mim. A mim disse: — O Samuel disse-me que vais precisar de uma companhia para ir ao ninho de vampiros algures num futuro próximo. Liga-me e eu arranjo alguém que vá contigo.

— Obrigada, farei isso.

Tocou com um dedo ao de leve na minha bochecha maltratada.

— Eu próprio estaria disposto a ir, mas não me parece que fosse sensato.

Concordei inteiramente com ele. Um acompanhante lobisomem serviria simultaneamente de guarda-costas e como declaração de que não estava sem amigos. A companhia do Alfa transformar-se-ia num jogo de poder entre ele e os líderes dos vampiros, com Stefan apanhado no meio.

— Eu sei — repliquei. — Obrigada.

Não podia permanecer naquele compartimento com aqueles dois homens nem mais um minuto. Mesmo uma mulher humana corria o risco de se afogar na testosterona que circulava no ar, de tão forte que era. Se não me fosse embora, iam pegar-se — não me escapara a forma como os olhos de Samuel tinham embranquecido quando Adam me tocou na bochecha.

Depois havia a necessidade que eu tinha de enterrar o meu nariz no pescoço de Adam e inalar o aroma exótico da sua pele. Desviei o olhar dele e dei por mim a fitar os olhos brancos de Samuel. Estava tão perto de se transformar que o distinto anel negro em redor das pupilas era claramente visível. Era de esperar que me assustasse.

As narinas de Samuel dilataram-se — também senti o cheiro. Excitação.

— Tenho de ir — disse, num pânico apropriado.

Acenei-lhes apressadamente enquanto saía de casa disparada, fechando prontamente a porta atrás de mim. O alívio de ter uma porta entre mim e ambos os homens foi intenso. Respirava com dificuldade, como se tivesse acabado de fazer uma corrida, e a adrenalina afastou a dor provocada pelo ataque do feiticeiro. Inalei profundamente o ar matutino, tentando limpar qualquer indício de lobisomem dos pulmões, antes de me dirigir para o meu carro.

Abri a porta do *Rabbit* e o súbito cheiro a sangue fez-me recuar abruptamente. O carro estava estacionado onde costumava deixá-lo: tinha-me esquecido de que Stefan o devia ter usado para me trazer de volta a casa. Havia manchas em ambas as capas dos bancos dianteiros — ambos devíamos estar bastante ensanguentados. Mas a coisa mais impressionante foi a amolgadela com a forma de um punho no tablier, mesmo acima do rádio. Stefan ficara chateado.

Segui até à minha oficina e estacionei na extremidade do parque, ao lado da velha carrinha de Zee. Nunca se deve confiar num mecânico que conduza carros novos. Ou está a cobrar demasiado dinheiro pelo seu serviço ou não é capaz de manter um carro velho a funcionar — talvez ambos.

O VW são carros bons. Costumavam ser carros baratos de boa qualidade; agora são carros caros de boa qualidade. Mas todas as marcas têm alguns fiascos. A VW tinha o *181* (que pelo menos de *aspeto* era fixe), o *Fox* e o *Rabbit*. Calculei que num par de anos o meu *Rabbit* seria o único ainda a circular em toda a área de Tri-Cidades.

Deixei o *Rabbit* a trabalhar em ponto morto e ponderei entrar. Tinha parado na loja de peças automóveis mais próxima e escolhido capas de bancos para substituir aquelas que tivera de deitar fora. A julgar pelos olhares enojados que o funcionário me tinha lançado, a minha cara maltratada tão cedo não ia animar o negócio.

No entanto havia quatro carros estacionados no parque, o que significava que estávamos atarefados. Se eu permanecesse na oficina, ninguém veria a minha cara.

Saí do carro, devagar. O calor seco do final da manhã envolveu-me e fechei os olhos por momentos para desfrutar dele.

— Bom dia, Mercedes — disse uma doce e velha voz. — Que belo dia. Abri os olhos e sorri.

— Sim, Sra. Hanna, é verdade.

Tri-Cidades, contrariamente a Portland ou Seattle, não tem uma grande população permanente de sem-abrigo. As nossas temperaturas sobem bem acima dos trinta e oito graus nos verões e descem abaixo de zero nos invernos, pelo que a maior parte dos nossos sem-abrigo apenas estão de passagem.

A Sra. Hanna parecia uma sem-abrigo, com o seu carrinho de compras maltratado, cheio de sacos plásticos com latas e outros itens úteis, mas em tempos alguém me disse que ela vivia numa pequena caravana no parque ao pé do rio e dera aulas de piano até a artrite a impossibilitar de continuar. Depois disso, começou a calcorrear as ruas na baixa de

Kennewick, apanhando latas de alumínio e vendendo ilustrações que ela pintava em livros para colorir para poder comprar comida para os seus gatos.

O seu cabelo branco-acinzentado estava entrançado e recolhido no velho boné gasto de basebol que impedia o Sol de lhe bater no rosto. Vestia uma saia evasé de lã com soquetes e sapatilhas com um número demasiado grande. A t-shirt dela celebrava um Spokane Lilac Festival passado há muito tempo, e a sua cor de alfazema fazia um contraste interessante com a camisa de flanela preta e vermelha folgadoamente pendurada nos seus ombros.

A idade tinha-lhe curvado as costas ao ponto de ter praticamente a mesma altura que o carrinho que empurrava. As suas mãos bronzeadas e ossudas ostentavam um verniz vermelho lascado a condizer com o batom. Cheirava a rosas e aos gatos dela.

Franziu-me o cenho e semicerrou os olhos.

— Os rapazes não querem raparigas que tenham mais músculos do que eles, Mercedes. Os rapazes gostam de raparigas que saibam dançar e tocar piano. O Sr. Hanna, que Deus o tenha, costumava dizer-me que eu flutuava numa pista de dança.

Esta era uma velha discussão. Ela crescera numa época em que o único lugar apropriado para uma mulher era ao pé do seu homem.

— Desta vez não foi o karaté — expliquei-lhe, tocando na minha cara ao de leve.

— Ponha umas ervilhas congeladas nisso, minha querida — disse. — Impede que o inchaço aumente.

— Obrigada — repliquei.

Acenou bruscamente com a cabeça e partiu rua fora com o carrinho a chiar. Estava demasiado calor para se usar flanela e lã, mas ela morrera numa tarde fria de primavera, alguns meses antes.

A maior parte dos fantasmas desvanece-se passado algum tempo, portanto dali a alguns meses não teríamos mais oportunidade de conversar. Não sei por que é que ela apareceu para falar comigo, talvez ainda estivesse preocupada com a minha condição de solteira.

Ainda estava a sorrir quando entrei no escritório.

Gabriel, o meu dispensador de ferramentas/rececionista em part-time, estava a trabalhar a tempo inteiro no verão. Relanceou os olhos para cima quando entrei e olhou uma segunda vez, sobressaltado.

— Karaté — menti, inspirada pela suposição da Sra. Hanna, e vi como ficou mais relaxado.

Era um bom miúdo e cem por cento humano. Sabia que Zee era uma ser feérico, evidentemente, porque Zee tinha sido forçado a vir a público há

alguns anos pelos Senhores Cinzentos, que governam os seres feéricos (à semelhança dos lobisomens, os seres feéricos tinham-se revelado aos poucos para evitar alarmar o público).

Gabriel sabia de Adam porque também isso foi uma questão do domínio público. Não tinha a menor intenção de lhe abrir mais os olhos, contudo — era demasiado perigoso. Portanto, nada de histórias de vampiros ou feiticeiros se conseguisse evitá-lo — especialmente considerando que havia alguns clientes por perto.

— Xi — disse ele. — Espero que o outro gajo esteja com pior aspeto. Abanei a cabeça.

— Cinturão branco estúpido.

Havia dois homens sentados nas puídas mas confortáveis cadeiras no canto do escritório. Perante as minhas palavras, um deles inclinou-se para a frente e disse:

— Preferia lutar com uma dúzia de cinturões negros ao mesmo tempo do que com um cinturão branco.

O facto de estar tão bem arranjado fazia-o atraente, apesar de um nariz um tudo-nada largo e dos olhos encovados.

Iluminei o sorriso como qualquer boa mulher de negócios e repliquei com convicção:

— Eu também.

— Suponho que seja a Mercedes Thompson? — inquiriu, pondo-se de pé e acercando-se do balcão com a mão estendida.

— A própria. — Estendi a mão e ele apertou-ma com uma firmeza que faria jus a um político.

— Tom Black. — Sorriu, exibindo os dentes cor de pérola. — Ouvi falar muito de si. Mercedes, a mecânica de *Volkswagens*.

Como se nunca tivesse ouvido aquilo antes. Ainda assim, não soou desagradável, apenas ligeiramente atiradiço.

— Prazer em conhecê-lo. — Não estava interessada em flirts, portanto voltei a concentrar a atenção em Gabriel. — Algum problema hoje de manhã?

Sorriu.

— Com o Zee aqui? Olhe uma coisa, Mercy, a minha mãe disse-me para lhe perguntar se quer que elas venham este fim-de-semana para voltar a fazer a limpeza.

Gabriel tinha um generoso punhado de irmãs — a mais nova na pré-primária e a mais velha à beira de entrar no ensino secundário —, todas sustentadas pela mãe viúva que trabalhava como despachante do Departamento de Polícia de Kennewick, uma carreira não muito bem remunerada. As duas raparigas mais velhas vinham aparecendo de forma mais ou

menos regular para fazer a limpeza do escritório. Também elas faziam um bom trabalho. Não me tinha apercebido de que a película na minha janela da frente era massa lubrificante — pensava que Zee lhe tinha feito alguma espécie de tratamento para bloquear a entrada do Sol.

— Parece-me bem — disse-lhe. — Se não estiver aqui, podem usar a tua chave.

— Eu digo à minha mãe.

— Muito bem. Vou meter-me na oficina, longe da vista dos outros. Não quero afugentar os clientes.

Dirigi a Tom Black um aceno rápido, amigável mas distante. Em seguida, parei para trocar algumas palavras com o outro homem que estava à espera. Era um velho cliente que gostava de conversar. Depois entrei à sorrelfa na oficina antes que mais alguém pudesse entrar.

Deparei com Zee deitado de costas por baixo de um carro, portanto só o via da barriga para baixo.

Siebold Adelbertsmiter, o meu antigo patrão, é uma velha criatura feérica, um metalúrgico — o que é invulgar para os seres feéricos, que na sua maioria, não conseguem manusear ferro frio. Auto-denomina-se *gremlin*, embora seja bastante mais velho do que o nome, criado por aviadores na Primeira Guerra Mundial. Sou licenciada em História, portanto sei coisas inúteis como essa.

Tinha aspeto de um homem cinquentão, a pender para o magro (com uma pancinha) e mal-humorado. Apenas a parte do mal-humorado era verdadeira. Graças ao *glamour*, um ser feérico pode escolher a aparência que quiser. O *glamour* é o elemento que distingue um ser feérico — em contraste com, por exemplo, uma bruxa ou um lobisomem.

— Ei, Zee! — exclamei ao constatar que não dava quaisquer sinais de ter notado a minha presença. — Obrigada por teres vindo hoje.

Saiu de debaixo do carro e franziu-me acentuadamente o sobrolho.

— Tens de te manter longe dos vampiros, Mercedes Athena Thompson. — Tal como a minha mãe, só usava o meu nome completo quando estava zangado comigo. Jamais lho diria, mas de certo modo sempre gostei da forma como soa quando pronunciado com um sotaque alemão.

Analisou o meu rosto num único soslaio e continuou:

— Devias estar em casa a dormir. De que serve teres um homem em casa se ele não é capaz de tomar conta de ti durante algum tempo?

— Hmmm — pronunciei. — Desisto. De que serve ter um homem em casa?

Não sorriu, mas já estava habituada a isso.

— Adiante — continuei bruscamente, embora continuasse a falar em voz baixa para que as pessoas no escritório não ouvissem nada. — Estão

dois lobisomens e um vampiro morto na minha casa e achei que estava suficientemente cheia para poder passar sem a minha presença durante algum tempo.

— Mataste um vampiro? — Lançou-me um olhar de respeito, o que era bastante impressionante considerando que ainda estava deitado de costas na prancha.

— Não. Foi o Sol. Mas o Stefan deve recuperar a tempo de enfrentar a Marsilia esta noite.

Pelo menos supunha que seria esta noite. Não sabia grande coisa sobre os vampiros, mas os julgamentos dos lobisomens tendem a ter lugar imediatamente e não seis meses após um crime. Também terminam numa questão de horas, por vezes minutos, em vez de meses. Não conseguia convencer o Alfa do teu bando de que representas menos sarilhos para ele vivo do que morto? Azar. A lei do bando, necessariamente brutal, era uma daquelas coisas terríveis que Bran vinha mantendo em segredo há algum tempo.

— O Samuel disse-me que vais estar num julgamento do vampiro.

— Telefonou-te — reagi indignada. — O que é que ele fez? Pediu-te que lhe ligasses quando eu chegasse aqui sã e salva?

Zee esboçou um sorriso pela primeira vez e sacou do telemóvel. Com os dedos manchados de óleo, marcou o meu número.

— Ela está aqui — indicou. — Chegou impecável.

Desligou sem esperar por uma resposta e ampliou o sorriso enquanto marcava outro número. Também conhecia aquele. Mas, não fosse ele escapar-me, usava nomes.

— Olá, Adam — disse. — Ela está aqui. — Pôs-se a ouvir por um momento; fiz o mesmo, mas ele devia ter o volume em baixo porque a única coisa que conseguia ouvir era o rumor prolongado de uma voz masculina. O sorriso de Zee transformou-se num esgar malévolo. Olhou para mim e disse:

— O Adam que saber por que é que demoraste tanto tempo.

Comecei a revirar os olhos, mas isso fez com que o ferimento que me ocupava metade da cara doesse ainda mais, pelo que parei.

— Diz-lhe que fiz sexo selvagem e apaixonado com um completo desconhecido.

Não me mantive por perto para ouvir se Zee transmitia a minha mensagem ou não. Tirei o meu fato-macaco do cabide e afastei-me a passos largos em direção à casa de banho.

Os lobisomens são obcecados pelo controlo, lembrei a mim mesma ao mesmo tempo que me vestia para trabalhar. O facto de serem obcecados pelo controlo permite-lhes dominar o lobo que têm neles — o que é bom. Se não gostasse dos efeitos secundários, não devia andar com lobisomens.

Coisa que não faria se não tivesse um a viver comigo e outro a viver do outro lado da minha vedação traseira.

Contudo, sozinha na casa de banho, fui capaz de admitir a mim mesma que embora estivesse mesmo muito zangada... teria ficado desapontada se não tivessem verificado como eu estava. Que tal a minha incoerência?

Quando saí, Zee confiou-me o trabalho de reparação seguinte. Posso ter-lhe comprado o negócio, mas quando trabalhávamos juntos, era ele quem ainda dava as ordens. Em parte devido ao hábito, creio, mas sobretudo porque, embora eu seja uma boa mecânica, Zee é mágico. Literal e figurativamente.

Se não fosse a sua tendência para se aborrecer com coisas fáceis, jamais me teria contratado. Nesse caso, teria de ter tirado o meu curso em artes liberais e arranjado um emprego no McDonald's ou no Burger King, como acontece com todos os restantes licenciados em História.

Trabalhámos solidariamente em silêncio durante algum tempo até eu deparar com um trabalho que requeria quatro mãos em vez de duas.

Enquanto fazia rodar o roquete, Zee, que estava a segurar-me numa peça, disse:

— Dei uma espreitadela por baixo daquela cobertura — e acenou em direção ao canto da oficina, onde o meu mais recente projeto de restauro repousava à minha espera.

— Bonito, não é? — perguntei-lhe. — Ou pelo menos vai ficar quando o arranjar. — Tratava-se de um *Karmann Ghia* de 1968, num estado quase prístino.

— Vais restaurá-lo ou transformá-lo?

— Não sei — respondi. — A pintura ainda é a original e só tem uma rachadelazinha no capô. Detestava fazer-lhe alterações a menos que me visse obrigada. Se conseguir pô-lo a andar bem com as peças originais e o Kim puder remendar os bancos, fico-me por aí.

Há três grupos de entusiastas de carros antigos: pessoas que acham que um carro devia permanecer tão intacto quanto possível; aqueles que o põem melhor do que quando saiu da fábrica; e as pessoas que o esventram e substituem os travões, o motor e a suspensão por equipamentos mais modernos. Zee insere-se declaradamente no último.

Ele não é sentimental — se alguma coisa funciona melhor, é isso que se deve usar. Suponho que quarenta ou cinquenta anos não tenham para ele o mesmo significado que têm para todos nós — a antiguidade de uma pessoa é calhambeque enferrujado de uma outra.

Considerando que uma boa parte do meu rendimento provém do restauro de calhambeques enferrujados, não sou esquisita. Tenho uma parceria com um génio do estofamento, Kim, e um pintor que também gosta

de conduzir por aí a exhibir os carros para que possamos vendê-los. Depois de deduzirmos o custo material do restauro e das exhibições, dividimos os lucros de acordo com as horas dispendidas no projeto.

— Sendo arrefecido a ar implica muitas despesas de conservação — disse Zee.

— Uma pessoa que queira um *Ghia* conforme saído da fábrica não se vai importar com isso — repliquei. Grunhiu, não muito convencido, e voltou a pôr mãos ao trabalho.

Gabriel tinha saído com o meu *Rabbit* para comprar sandes, e depois apareceu na oficina para comer connosco. Destapei o *Ghia*, e os três pusemo-nos a comer e a discutir a melhor coisa a fazer ao carro até se meter a hora de regressar ao trabalho.

— Zee — chamei enquanto ele erguia um Passat no ar para dar uma olhadela ao escape.

Começou a resmungar ao mesmo tempo que batia ao de leve com o dedo indicador na zona do tubo de escape que estava bastante dentada, mesmo em frente do primeiro silencioso.

— O que sabes tu sobre feiticeiros?

Parou de bater com o dedo e suspirou.

— Os velhos *gremlins* desviam-se do seu caminho para se manterem longe dos hospedeiros do demónio, e já lá vai algum tempo desde que os humanos acreditavam no diabo ao ponto de lhes venderem a alma.

Fiquei um pouco atordoada. Não que não acreditasse no mal — bem pelo contrário. Tive provas mais que suficientes da existência de Deus, portanto aceitava que o Seu oponente também existisse. Simplesmente não tinha particular interesse em saber que alguém que tinha feito um acordo com Satanás andava escondido a quinze quilómetros da minha casa a matar empregadas de hotel.

— Pensava que era apenas um demónio — disse com a voz frouxa.

— *Ja* — replicou; em seguida, voltou-se e viu a minha cara. — Diabo, demónio... O português é uma língua imprecisa nestas coisas. Há coisas que servem a Grande Besta da escritura cristã. Espíritos, demónios ou diabos, maiores ou menores, e todos servem o mal. Os serventes maiores estão ausentes do nosso mundo, mas podem ser convidados a integrá-lo, do mesmo modo que um vampiro não pode entrar numa casa sem um convite.

— Muito bem. — Respirei fundo. — Que mais é que sabes?

Zee levantou o braço e colocou a mão no tubo.

— Não muito, *Liebchen*. Os poucos homens com que me cruzei que afirmavam ser feiticeiros não passavam de homens tentados pelo demónio quando os conheci.

— Qual é a diferença?

— A diferença está em quem detém as rédeas. — O tubo de escape começou a emanar uma brilhante luz vermelho-cereja debaixo da mão de Zee. — Os demónios apenas servem a um mestre, e aqueles que esquecem isso tendem a tornar-se escravos bastante depressa. Aqueles que se lembram podem permanecer em controlo mais algum tempo.

Franzi-lhe o sobrolho.

— Portanto todos os possuídos pelo demónio começam como feiticeiros?

Zee abanou a cabeça.

— Há muitos tipos de convites, intencionais ou não. Feiticeiro, possuído pelo demónio, não interessa. No fim de contas o demónio está em controlo.

O tubo de escape produziu um ruído estrondoso e recuperou a forma apropriada. Os olhos de Zee encontraram-se com os meus.

— Esta criatura anda a brincar com os vampiros, Mercy. Mantém-te afastada disso. O ninho está mais bem equipado do que tu para lidar com a situação.

Às cinco e meia tinha o braço enfiado até ao cotovelo numa *Transporter* para lhe afinar o motor, portanto disse a Gabriel que fechasse o escritório e tentei mandá-lo a ele e a Zee embora. A minha cara maltratada tornou-os mais relutantes do que o habitual em deixar-me a trabalhar sozinha, mas acabei por conseguir persuadi-los a ir.

Enquanto Zee lá tinha estado, mantivera o ar condicionado a funcionar e as portas da oficina fechadas, mas ao contrário dos lobisomens, gosto do calor do verão. Pelo que, assim que fiquei sozinha, desliguei o ar frio e abri as portas basculantes.

— Isso ajuda?

Olhei para cima e constatei que o cliente que ali estivera de manhã se encontrava postado no limiar da porta basculante.

— Tom Black — lembrou-me.

— Isso o quê? — perguntei enquanto limpava as mãos e bebia um gole de água da garrafa precariamente equilibrada no para-choques do carro.

— Sussurrar — respondeu. — Estava aqui a perguntar-me se ajudaria.

Houve qualquer coisa no modo como o disse que me incomodou — como se fosse um grande amigo meu em vez de alguém com quem apenas tinha trocado umas breves palavras. O seu comentário anterior em relação aos cinturões brancos não fazia dele um praticante de artes marciais, mas o seu movimento corporal ao entrar na minha oficina sim.

Mantive uma expressão amável, embora o coiole em mim quisesse levantar o lábio. Ele estava a invadir o meu território.

— Não me tinha apercebido de que estava a sussurrar — disse-lhe. — Este é o último carro em que vou trabalhar hoje. — Sabia que não era o carro dele, porque se tratava de um em que trabalhava regularmente. — Se o Gabriel não lhe telefonou, é porque provavelmente só vamos ver o seu carro amanhã.

— Como é que uma mulher bonita como você se tornou mecânica? — perguntou.

Inclinei a cabeça de modo a conseguir vê-lo melhor através do meu olho funcional. Gabriel dissera-me que se eu tivesse mantido um saco de gelo sobre ele durante mais tempo, não teria inchado tanto. Em dias bons, a minha aparência era sofrível, hoje *hedionda* e *horrível* seriam mais apropriadas.

Se estivéssemos em território neutro, provavelmente tinha-lhe dito algo como «Eh pá, não sei. Como é que um homem bem-parecido como você consegue ser um idiota tão metedico?» No entanto, aquele era o meu local de trabalho e ele era um cliente.

— Da mesma maneira que todos os outros mecânicos bonitos, supinho — respondi. — Ouça, tenho de acabar isto. Por que é que não telefona amanhã de manhã e nessa altura o Gabriel pode dar-lhe uma estimativa de quando o seu carro estará pronto?

Caminei em frente ao mesmo tempo que o disse. Era de esperar que o movimento o tivesse feito recuar, porém manteve-se quieto, portanto tive de parar sob pena de me aproximar demasiado dele. Cheirava a protetor solar de coco e fumo de cigarro.

— Na verdade já tinha vindo buscar o meu carro — explicou. — Passei por cá esta noite para falar consigo.

Era humano, mas distingui nos seus olhos o mesmo olhar predador que os lobos tinham quando estavam numa caçada. Estar na minha própria oficina tinha-me feito sentir segura de mais e deixara-me chegar demasiado perto dele. Tinha armas de sobra na forma de chaves de porcas e pés-de-cabra, mas estavam todas fora do meu alcance.

— Ah, sim? — repliquei. — Porquê?

— Queria perguntar se gosta de andar com um lobisomem. Sabia que ele era um lobisomem quando começou a andar com ele? Teve relações sexuais com ele? — A sua voz adquiriu um súbito tom lancinante.

Era uma mudança tal de assunto que pestanejei estupidamente por momentos.

Este homem não tinha o cheiro de um fanático — o ódio tem o seu odor característico. Quando Zee se revelou pela primeira vez, houve um

grupo de pessoas que fez uma marcha em volta da oficina com placards. Alguns deles apareceram uma noite e pintaram com spray PAÍS DAS FADAS em letras vermelhas e furiosas nas portas da minha oficina.

Tom Black exalava um cheiro intenso — como se as respostas para as suas perguntas fossem verdadeiramente importantes para ele.

Lá fora, um motor *Chevy 350* penetrou no meu parque de estacionamento e reconheci o seu ruído surdo. Os meus receios desapareceram ao aperceber-me de que só havia uma razão para as questões que me tinha colocado.

Semicerrei-lhe os olhos.

— Raios partam — disse repugnada. — Você é um repórter.

Algumas das revelações dos lobisomens atraíram deliberadamente a atenção, de acordo com as ordens do Marrok: heróis do exército ou da polícia e corpos de bombeiros, bem como uma ou outra estrela de cinema. Adam não era um deles. No entanto, conseguia perceber por que é que alguém enviaria um repórter para farejar em volta dele. Não só era um Alfa como era um Alfa bonito. Mal podia esperar para ouvir o que Adam diria quando descobrisse que alguém se andava a intrometer na sua vida amorosa.

— Posso fazer de si uma mulher rica — disse-me Black, encorajado, creio, pelo meu sorriso. — Quando chegarmos ao fim do que tiver para me dizer, será uma celebridade com a mesma notoriedade que a dele. Pode vender a sua história às estações de televisão.

Resfoleguei.

— Vá-se embora.

— Problemas, Mercy? — O tom de voz arrastado e lento do Texas fez com que o repórter desse meia volta. Presumo que não tivesse ouvido Warren e a sua companhia entrar na oficina.

— Nenhum problema — respondi a Warren. — O Sr. Black estava de saída.

Warren parecia saído de um anúncio aos «Genuínos Vaqueiros do Oeste», com o remate de um par de botas puídas e um chapéu de palha gasto. Tinha direito a isso: fora um vaqueiro genuíno no velho oeste na altura em que sofrera a Transformação. Era o meu favorito entre os lobos de Adam e ao seu lado estava Ben, uma recente importação da Grã-Bretanha — e o candidato em melhor posição para vencer o título de lobo de que menos gosto. Nenhum deles estava entre os lobos «tornados conhecidos», não ainda. No caso de Ben, provavelmente nunca. Escapara por um triz à prisão na sua terra natal e fora discretamente enviado para a América para desaparecer.

O repórter sacou da carteira e estendeu o seu cartão. Peguei nele porque a minha mãe me ensinou a ser educada.

— Vou estar por estas bandas — disse. — Ligue-me se mudar de ideias.
— Farei isso — retorqui.

Ambos os lobisomens se viraram para observar a sua partida. Só depois de o carro dele estar bem longe é que voltaram a concentrar a atenção em mim.

— Gosto do que fizeste à tua cara — comentou Ben, batendo com a mão no próprio olho.

Podia ter-me salvado a vida uma vez e levado com uma bala por Adam, mas isso não significava que eu tinha de gostar dele. Não era tanto pelo facto de ter sido enviado para o bando de Adam de forma a impedir que fosse interrogado pela possível ligação a uma série de violações violentas em Londres. Acredito na inocência até prova em contrário. Era antes pelas características que tinham feito com que a polícia londrina o procurasse a ele em primeiro lugar: era um homem mesquinho, mau e violento. Tudo aquilo que dizia saía na forma de sarcasmo ou ameaça, tudo no seu elegante sotaque britânico. Se fosse uma pessoa só um nadinha melhor, talvez tivesse falado com ele só para lhe ouvir a voz, gostando ou não gostando dele.

— Não fui eu que decorei a minha cara, mas de qualquer forma obrigada. — Regressei à carrinha para fechá-la. Tinha perdido o balanço que me mantinha a trabalhar, e a única coisa que queria era encontrar um sítio para dormir. Um sítio sem um vampiro morto no armário. Raios partam. Onde é que eu ia dormir?

— O que fazem vocês os dois por cá? — perguntei enquanto fechava a porta traseira da carrinha.

— O Adam disse para ficarmos contigo até teres notícias dos vampiros. Ele acredita que vai ser pouco depois de anoitecer. Não quer que vás ter com eles sozinha.

— Não tens de trabalhar hoje à noite? — Warren trabalhava numa bomba de gasolina/loja de conveniência aberta vinte e quatro horas por dia, não muito longe da minha casa — tinha arranjado um emprego lá para Samuel na altura em que foi viver comigo.

— Não, despedi-me a semana passada. Mudaram outra vez de gerente e este queria limpar a casa. Por isso pensei em despedir-me antes de ser despedido. — Fez uma pausa e depois prosseguiu: — Tenho andado a trabalhar para o Kyle. Ganho mais em part-time do que ganhava na loja de conveniência a tempo inteiro.

— Para o Kyle? — perguntei esperançosamente.

Conhecia Warren há muito tempo e tinha conhecido talvez uma dúzia dos seus namorados. A maior parte deles não tinha valido a pena conhecer — mas gostava de Kyle. Era um advogado bem-sucedido, vestia-se magnificamente e era montes de divertido. Vinham vivendo juntos há algum

tempo quando Kyle finalmente descobriu que Warren era um lobisomem. Kyle saiu de casa. Sabia que tinham saído juntos algumas vezes desde então, mas nada mais sério.

Warren baixou os olhos.

— Sobretudo algum trabalho de vigilância e, uma vez, servi de guarda a uma mulher que tinha medo do seu quase ex-marido.

— O Kyle tem medo de nós — interveio Ben, mostrando os dentes num sorriso rasgado.

Warren olhou para ele e Ben parou de sorrir.

— Obviamente nunca conhecestes o Kyle — virei-me para Ben. — Qualquer pessoa que seja advogado de divórcios há tanto tempo como o Kyle tem medo de poucas coisas.

— Menti-lhe — disse-me Warren. — Uma coisa como essa aloja-se na cabeça de um homem.

Era altura de mudar de assunto. Ben podia estar dominado de momento, mas isso não ia durar.

— Vou lavar as mãos e a cara e mudar de roupa. Volto já.

— O Samuel disse que a noite passada não dormiste nada — comentou Warren. — Tens algumas horas até que os vampiros te chamem. Paramos para jantares alguma coisa e depois vamos para a tua casa para poderes dormir um bocado?

Abanei a cabeça.

— Não consigo dormir com um homem morto no meu armário.

— Mataste alguém? — perguntou Ben com interesse.

Warren exibiu um sorriso rasgado, uma expressão que lhe desenhava pequenas rugas à beira dos olhos.

— Não, desta vez não. O Samuel disse que o Stefan tinha de passar o dia no armário da Mercy. Tinha-me esquecido disso. Queres dormir uma soneca em minha casa? Lá não há pessoas mortas. — Lançou um olhar de relance a Ben. — Pelo menos ainda não.

Estava cansada, doía-me a cara, e o ímpeto de adrenalina que o repórter me causara estava a abrandar.

— Melhor ideia seria impossível. Obrigada, Warren.

A casa de Warren ficava em Richland, metade de um duplex que já tinha conhecido melhores dias. O interior estava em melhor estado do que o exterior, mas ainda tinha aquela aura de estudante universitário, definida por montes de livros e móveis em segunda mão.

O quarto vago em que Warren me pôs tinha o seu cheiro — devia andar a dormir lá e não no quarto que partilhara com Kyle. Achei o per-

fume dele reconfortante; *ele* não jazia morto no armário. Não tive dificuldade em adormecer ao som suave dos dois lobisomens a jogar xadrez no piso de baixo.

Acordei na escuridão com o cheiro de pimentos e óleo de sésamo. Alguém tinha ido buscar comida chinesa. Passara-se muito tempo desde o almoço.

Saí da cama e desci as escadas em passo rápido na esperança de que não tivessem comido tudo. Quando cheguei à cozinha, Warren ainda estava a distribuir por três pratos comida acondicionada em embalagens de esferovite.

— Oba — disse, inclinando-me sobre Warren para ver melhor a comida. — Carne de vaca com pimentos. Acho que estou apaixonada.

— O coração dele já tem dono — comentou Ben atrás de mim. — E mesmo que não tivesse, ele não está interessado no teu género. No entanto, eu estou disponível e disposto.

— Tu não tens coração — disse-lhe. — Apenas um grande buraco onde ele devia estar.

— Mais uma razão para me dares o teu.

Bati com a testa nas costas de Warren.

— Diz-me que o Ben não se está a fazer a mim.

— Ei — cortou Ben, soando ofendido. — Estava a falar de canibalismo, não de romance.

Era quase engraçado. Se gostasse mais dele, tinha-me rido.

Warren deu pancadinhas leves no meu cocuruto e disse:

— Está tudo bem, Mercy. É só um pesadelo. Assim que comeres, vai passar.

Despejou o que restava do arroz num dos pratos.

— O Adam telefonou há uns minutos. Disse-lhe que estavas a dormir e ele pediu-me para não te acordar. Contou-me que o Stefan saiu da tua casa há coisa de meia hora.

Olhei de relance através da janela e constatei que já estava a escurecer.

Warren reparou no meu soslaio e disse:

— Alguns dos vampiros antigos acordam cedo. Não acredito que vás receber um telefonema antes de ser noite cerrada.

Distribuiu os pratos cheios e entregou-nos talheres e guardanapos, após o que nos enxotou da cozinha para a sala de jantar.

— Muito bem — disse Ben depois de termos estado a comer durante alguns minutos. — Então por que é que não gostas de mim, Mercy? Sou bonito, inteligente, espirituoso... Para não mencionar o facto de te ter salvado a vida.

— Não voltemos a mencionar isso — repliquei, enfiando carne pican-
te pela goela abaixo. — Ainda fico doente.

— Detestas mulheres — disparou Warren.

— Não é verdade — retorquiu Ben num tom indignado.

Engoli em seco, ergui uma sobrancelha e cravei a atenção nele até que desviasse os olhos. Assim que se apercebeu do que tinha feito, voltou a levantar a cabeça com uma sacudidela e os nossos olhares encontraram-se novamente. Mas era tarde de mais, eu tinha ganhado, e ambos sabíamos disso. Com os lobos, coisas como estas têm importância. Se algum dia me cruzasse sozinha com ele num beco escuro, talvez fosse capaz de me comer — mas primeiro teria hesitado.

Exibi-lhe um sorriso presunçoso.

— Qualquer pessoa que tenha falado contigo mais do que dois minutos sabe que detestas mulheres. Acho que sou capaz de contar pelos dedos de uma mão as vezes que disseste a palavra «mulher» em vez de a substituíres por um epíteto referente aos genitais femininos.

— Ei, não é assim tão mau — interveio Warren. — Às vezes chama-lhes vacas e pegas.

Ben apontou um dedo a Warren — suponho que a mãe nunca lhe tenha ensinado boas maneiras.

— Diz isso alguém que não gosta de... — Na verdade teve de fazer uma pausa e alterar a palavra que ia usar — ... hum, mulheres.

— Eu gosto muito de mulheres — disse-lhe Warren, reunindo o arroz que lhe restava para colocá-lo no garfo. — Mais do que gosto de homens. Apenas não quero dormir com elas.

O meu telemóvel tocou, e eu inalei, aspirando um grão de pimenta para a minha traqueia. A tossir, engasgada e com os olhos lacrimejantes, encontrei o meu telemóvel e acenei-o a Warren para que o atendesse enquanto eu bebia água.

— Está bem — disse. — Nós levamo-la lá. Ela sabe onde fica? — Olhou para mim e com os lábios disse «ninho».

Fiz que sim com a cabeça e senti um aperto no estômago. Sabia onde ficava.